

CLÓVIS DA SILVEIRA JÚNIOR

**DIÁLOGOS COM JOÃO ANTÔNIO,
NA RESTAURAÇÃO DE UMA ARTE DE POVOS
URBANOS**

UNESP – ASSIS

2007

CLÓVIS DA SILVEIRA JÚNIOR

**DIÁLOGOS COM JOÃO ANTÔNIO,
NA RESTAURAÇÃO DE UMA ARTE DE POVOS
URBANOS**

Dissertação apresentada como exigência para a obtenção do Título de Mestre em Letras, ao Programa de Pós-Graduação na área de Literatura e Vida Social, Universidade Estadual Paulista de Assis.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Domingues de Oliveira.

UNESP – ASSIS

2007

dedico

a

divinidades

in(per)sonais

e

à marca viva póstuma de

Rui Souza Dias

(que algum homophonou em Rui Só Ousadias)

assassinado pela sociedade

em Assis

PALAVRAS-DÁDIVAS

À Ana, as palavras, os jogos e os leves, à sombra das asas de longe.

A meu pai e à minha mãe, que são para mim, na boca (no frágil) da manhã.

À Lícia, a barquinha que desliza as ondas (Carrol escreveu teu nome tudo errado).

À Lica bailarina, no silêncio a sós, em toda nuança e aparecimento de luzes.

Ao Micuri Évis, suas máscaras de menino eterno. Como pode, Lili?

A Pedro, na palavra dos parafusos, no pé, no beber do infinito, camará.

Ao Pipa, zoando suas tosquices, seus ópios da china.

Ao Neizim. Dormindo a insônia na Nina Simone, ensaia um grito e seus cabelos: tempestade...

A esse gregário de amar:

Anselmo, Carolzinha, Pedro Ivo, Ana, Flavinha, Pesci, Camila, Ludi, Bruninha, Fedendinho, Carlinha, Fabinho Pretavéia, Fábio Martins, Maria, Rorato, Edinei, Rafaella, Ícaro, Tigela, Claudinha, Joana Paula, Jamil, Clodô, Marília que Dança e Sangra, Marina Menina, Xonado, Elias, Ana Paula, Juliem, Meire, Eduardão, Calçada, Caco, Jéssica, Mônica Magalhães, Moisés, ...

A meu amigo Luciano, na letra do som na voz, nesse país.

A CAPES, por haver financiado esse projeto.

*COMO POETAS, DECIFRADORES
DE ENIGMAS E REDENTORES DO
ACASO, ENSINEI-OS A CRIAR
O FUTURO E TUDO O QUE FOI,
A REDIMIR CRIANDO. REDIMIR O
PASSADO NO HOMEM E RECRIAR*

TODO "FOI",

ATÉ QUE A VONTADE FALE:

MAS ASSIM EU O QUIS! ASSIM EU O QUEREREI.

NIETZSCHE

*O SER HUMANO CONTEMPORÂNEO É
FUNDAMENTALMENTE DESTERRITORIALIZADO.
COM ISSO QUERO DIZER
QUE SEUS TERRITÓRIOS ETOLÓGICOS ORIGINÁRIOS –
CORPO, CLÃ, ALDEIA, CULTO, CORPORAÇÃO... –
NÃO ESTÃO MAIS DISPOSTOS EM UM PONTO PRECISO DA TERRA,
MAS SE INCRUSTAM,
NO ESSENCIAL,
EM UNIVERSOS INCORPORAIS.
A SUBJETIVIDADE ENTROU NUM REINO DE UM NOMADISMO
GENERALIZADO.*

FÉLIX GUATTARI

RESUMO

SILVEIRA JR., Clóvis da. *Diálogos com João Antônio, na restauração de uma arte de povos urbanos*. Assis, 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado)-Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2007.

Esses escritos constituem-se de ensaios de diálogos com a escrita-acontecimento-João Antônio. Correspondem a uma co-operação, uma tarefa que procura capturar alguns aspectos de mentalidades, nas reportagens de João Antônio para o jornal *Última Hora*, escritas entre 1968 e 1976, estreitados a um desejo de restauração de modos de viver na cidade. Celebra o possível encontro-tríade: essa escrita e o pensamento sobre literatura criado principalmente por Gilles Deleuze e Nietzsche, para os quais a literatura participa na vida sempre como um acontecimento em intensidade de sangue, uma Grande Saúde aos coletivos urbanos e como um desejo de retorno de encontros que se tornem aberturas no possível das rotinas opressoras/repressoras e criem a arte dos povos urbanos.

Termos de indexação: João Antônio, jornal *Última Hora*, povos urbanos, restauração.

ABSTRACT

SILVEIRA JR., Clóvis da. *Dialogues with João Antônio, in the process of restoration of art from urban peoples*. Assis, 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado)-Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2007.

This group of texts is composed by essays that correspond to dialogues with João Antônio-happenning-writing. This aims to capture some aspects of João Antônio thinkings, placed in the pages of Última Hora Journal between 1968 and 1976, that participate of a willing of restoring the ways of living in the cities. This also celebrates a triple meeting: João Antônio and the thought about literature developed by Gilles Deleuze and Friedrich Nietzsche, who agree that literature is always happennig in a bloody intensity, as a Great Healph for urban collective places, and as a willing of the return of meetings that surpass the routines of oppression and repression and create the art of urban peoples.

Index terms: João Antônio, Última Hora journal, urban peoples, restoration..

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES AFETIVAS	9
2. O <i>ÚLTIMA HORA</i> NA HORA DE JOÃO ANTÔNIO.....	14
3. DE SÃO PAULO E DE RUÍNAS	20
4. DA LITERATURA	30
5. DOS POVOS URBANOS E DE JOÃO (ANTÔNIO) DO RIO	47
6. REFERÊNCIAS	54
7. TODOS OS ARTIGOS	60
Coluna “Paulista às quartas”	61
Coluna “Acontece o seguinte”	67
Coluna “Corpo-a-corpo”	94

1. CONSIDERAÇÕES AFETIVAS

*Que retornemos o mínimo às origens respiratórias,
plásticas, ativas da linguagem; que colemos as
palavras nos movimentos físicos que delas
nasceram, e que o aspecto lógico discursivo da
palavra desapareça de seu lado físico e afetivo.
(Antonin Artaud)*

I

Então, percebi que falar, nessas condições, somente em outra língua, num diálogo multiforme na solidão. Porque não enxergo outro caminho no instante e amarro-me nas palavras, numa costura firme. As falas correm no Reino das Máquinas falantes, átrios e o transbordamento. Num falar de João Antônio Ferreira, tento caminhar feliz, sorrindo no samba. Na roda da rua. No breu da alma-esquina.

A escrita é um acontecimento e, quando-como, é pura tragédia, que alcança o terrível afirmativamente. Tragédia não é apenas nome de gênero, o gênero é pouco. Tragédia é ventania de forças-bode, a poética-bode-desfigurado, a poética-dignotaurus, que não devêm no nada (tudo: coisa que não preciso biografar como quem reclama a verdade e, assim, falsifica os fluxos no tempo: porque devires contra-correm, e lutam contra os sistemas de vigília e punição na vida, quer nas vidas escritas). A escrita-acontecimento é luta e desejo de que haja bons instantes de inspiração nas horas.

//

No caso, devo falar sobre escritos específicos de João Antônio, situados nas páginas do jornal *Última hora*, entre os anos de 1968 e 1976. Criar um fio que me afunde nalgum labirinto, e noutro e noutro (tarefa touro? Teseu ou Ariadne?). Aventura que se chame alegria ou filosofia que se tornou simples. “Nosso bonito dever é imaginar que há um labirinto e um fio”, diz Borges (1961, p. 65). Tramar um alinhavo de coisas a-Significantes. O Significante, aqui, conceito desterritorializado, que dialoga com o desejo despótico e castrador da ação livro(e) do pensamento, é algo que não serve pra nada (DELEUZE, 1992, p. 32). A escrita pode ser desinterpretada, transmutada numa disposição-baú que deverá emocionar os que aceitarem habitá-la, conversar com ela, num jeito de dizer sim, jogar leve e brincadamente.

///

Trajetórias:

4. breve: Guerrilha ou guerrinha. O *Última hora* na hora do João.
5. atenção: Corpo-a-corpo com os corpos de escrita (sem órgãos). Serão ensaios sobre textos de João Antônio, selecionados segundo o critério da intensidade: linhas que, num campo móvel, sofram a afetação do Súbito, do Intempestivo e corram, em conexão, des/formem a matéria viva num grito de acontecimento, que tanto pode ser silêncio. Há um fio: a análise-ação, a luta poem/ética, a filosofia que dialoga com as potências; a avaliação de avaliações, que criam avaliações...
6. circular: uma tragicomyda martelar, poemas urbanos, nas quinas, entre as paredes.
7. fio em linha: Comentários dos artigos de João Antônio, no *Última Hora*, achados no acervo João Antônio. Coisas como livros, cartas, discos, móveis, que compunham o escritório do autor no Rio de Janeiro, foram

concedidos pela família do escritor à Faculdade de Ciências e Letras de Assis, no estado de São Paulo, para a produção de pesquisas.

IV

Poderiam os homens reestabelecer relações com suas terras natais? Evidentemente isso é impossível! As terras natais estão definitivamente perdidas. Mas o que podem esperar é reconstituir uma relação particular com o cosmos e com a vida, é se 'recompôr' em sua singularidade individual e coletiva. (GUATTARI, 1992, p. 169-170)

O científico perde o rumo natal de sua terra-Razão. A palavra vem a se virtualizar, encontrar o *virtus* (do grego força).

Esses ensaios, no bojo do jogo, compõem um plural de relações dialogais com uma literatura, filosofias, uma micropolítica. Celebram o encontro ou "univocização" dessa tríade: João Antônio, Nietzsche e os franceses Deleuze-Guattari, a ação revolucionária sobre a sociedade de controle. Por que juntá-los, jogá-los no jogo? Pelo em-comum? Não. Pelo diferente.

João Antônio quis fazer literatura que lute com, e não contra, a vida (em afirmação, como ela, o que já corresponde à luta). Seu caminho é, no muito das vezes, o do mapeamento dos acontecimentos urbanos, principalmente no "entre" São Paulo-Rio de Janeiro. Urbanias de angústia, rancor, paixão, sangue, o plural dos guerreiros da cao-cidade. O espaço que ele desloca à sua ação é o do discurso transjornalístico, ou o de uma transdiscursividade em que já não há o limite separando o fazer literário, o fazer jornalístico e a vivência.

Nietzsche, Deleuze, Guattari aparecem nessa reunião como o solo para se pensar a sociedade atual, a do controle, e o lugar da arte nessa maneira de existência coletiva. Quanto à ação micropolítica (política de minorias), que esteja colada na necessidade (a própria ação das forças), nada responda aos movimentos voluntaristas da ordem dos clichês, que apresentam o ressentimento como determinação dos termos de luta. O aqui-com-esses-pensadores admite a necessidade de uma involuntariedade da ação política, ou seja, uma escrita que se faça no exercício da afirmação pura, da destituição do pensar dialético (a

negação da negação) para a criação da abertura do possível. Que seja entremeios.

Isso tudo revela a urgência do apenas pensar o pensamento, ou a do pensar de outro modo, além dos excessos interpretativos? O segundo direcionamento é a ação da que a primeira apenas é intento.

2. O ÚLTIMA HORA NA HORA DE JOÃO ANTÔNIO

*Vem da sala de linotipos a doce música mecânica
(Drummond)*

/

Dobramos a linha. Partimos daqui:

João Antônio, escritor paulista que viveu entre 1937 e 1996, escreveu para três colunas do jornal *Última hora*: “Paulista às quartas” (de outubro a dezembro de 1967) e “Acontece o seguinte” (de janeiro a dezembro de 1968), nas edições paulistanas, e “Corpo-a-corpo” (de janeiro a agosto 1976), nas cariocas. Os artigos variam entre crônicas, contos-reportagem, críticas de costumes, notícias policiais, escritos sobre arte (literatura, música, dança popular, teatro)... Há em três anos muita coisa, um do-que-falar inesgotável: salve-se o que realmente importar. Não vale dizer o-quê-quando agora, mas na medida em que a criação reclame versões historiográficas.

No meio das máquinas jornalísticas do *Última hora*, a escrita de João Antônio operava entre as resistências do regime despótico que atravessou violentamente a vida sul-americana, na segunda metade do século XX. Parece-me claro, hoje, que a es/crítica, como a filosofia, para Deleuze (1992, p. 7), não empreende batalhas monumentais, mas guerrilhas, ou guerra de guerrilha, como fala Deleuze. É dessa forma que vejo se articularem os artigos de João Antônio: uma guerrilha sem o peso da batalha e que preza pela sutileza formal, pelos traços simples, curtos, sem excessos metafóricos, na mesma medida com que a

perspicácia aperfeiçoa as tacadas na sinuca, no joguinho¹ que João Antônio mais aprecia. Um leve cantar passarinho no meio do burburinho de imprensa. Um fazer de passagem, nos entre-mundos.

Antes de pensar a resistência que se efetivou no “empreendimento” desse autor, falo um pouco sobre a “empresa”, o Jornal. As coisas, a princípio, funcionavam sob a palavra de ordem getulista: o *Última hora*, fundado por Samuel Wainer nas versões carioca, em junho de 1951, e paulista, em março de 1952, apoiou e foi brecha à tarefa política de Getúlio Vargas, autor de seu primeiro editorial:

Última hora não nasceu hoje, mas nos dias históricos da recente campanha presidencial (...) jornal do povo para o governo e não do governo para o povo, esta é a ponte que entendemos hoje para a livre passagem de todas as idéias e movimentos que conduzam e ajudem os responsáveis pelos destinos do país a não frustrar as esperanças que o povo neles depositou (*apud*. LEAL, 2005).

Às beiras de sua reeleição em 1950, Vargas e o repórter Samuel Wainer, um aliado jornalista, empreenderam um jornal sofisticado em relação aos processos gráficos de seu tempo, privilegiado pelo nível tecnológico importado dos países capitalisticamente maduros. Tudo para tornar concreto um plano, cuja lógica, no essencial política, ativaría um dispositivo de governo pseudo-popular. É claro que, através do controle das necessidades revolucionárias, em nome da vontade popular, ou de qualquer coisa imprecisa, abstrata, que fornecesse legitimidade a esses efeitos. Como já disse Gisela Goldenstein:

As diversas instituições pelas quais o populismo varguista vinculou-se às classes populares foram operadas de cima para baixo. Mas apresentaram-se sempre com o sinal vetor invertido. Tomaram a aparência de expressão autônoma das classes de cujo controle seriam instrumento. (1987, p. 44)

São vários os casos de reportagens comprometidas com o juízo imediato de “problemas” populares, reflexo puro da relação cortês firmada entre o governo e as massas populares. Alguns exemplos, extraídos de um artigo de

¹ Maneira como o jogo de sinuca é, às vezes, chamado em alguns de seus livros.

Carlos Eduardo Leal, do Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Contemporânea:

Logo após sua entrada em circulação, *Última hora* promoveu um júri popular no Social Ramos Clube, em que foi julgado e condenado um açougueiro local que roubava no preço. Pouco depois, publicou a reportagem 'Cemitério dos vivos', de José Montenegro, sobre o atendimento aos loucos internados no Hospital Psiquiátrico Pedro II, denunciando as arbitrariedades cometidas e os maus-tratos infligidos aos internos. O jornal desencadeou em seguida uma campanha em defesa dos direitos dos inquilinos, em prol de uma nova Lei do Inquilinato, diante da média de 650 ações de despejo movidas por mês no Rio de Janeiro. (2006)

O elo entre jornal e governo existiu quase sempre na história do *Última hora*, seja durante e mesmo após a morte de Vargas, sob o comando de Wainer, ou sob a chefia de Ari de Carvalho, entre 1971 a 1987, quando o jornal apoiou uma série de medidas do presidente Ernesto Geisel, em abril de 1977, através da coluna "Hora H". Manteve-se, também, durante a existência que teve, sua concepção inicial como jornal do povo, sempre na tentativa de retorno às suas formas iniciais.

João Antônio esteve ali desde outubro de 1967, até agosto de 1968, no contexto político centralizado em Marechal Costa e Silva. Retira-se quatro meses antes da outorgação do Ato Institucional de número 5, em 13 de dezembro. Retorna mais tarde, após os chamados "anos negros" da ditadura de Médici, mas ainda durante a intensificação coercitiva nos meios de comunicação, em pleno governo Geisel, quando o jornal já era outro e de outro. Já a cumplicidade entre o jornal e o governo, de maneira rígida, direta ou não, se manteve relativamente com as transformações políticas.

De que coube a João Antônio falar no *Última hora*? Quase nada diretamente relacionado aos dados políticos desses anos... Com um olhar experimentado nas coisas do cotidiano de pessoas semi-letradas, iletradas, pobres, João Antônio parece dedicar sua atenção às condições do oprimido mais que às do opressor (que, por isso, não deixa de ser o alvo do combatente) e assim, querer restituir o sentido, ou atribuir um sentido melhor para o "popular". Uma tarefa ética e estética ao mesmo tempo: O restabelecimento do "popular" é o desejo de retorno da arte do "popular" - que, no Brasil como na própria existência americana, trata-se de uma arte de povos, ou fragmentos nômades de vários

povos - esquecida no caminho do supercapitalismo, no auge das necessidades técnicas, e com as ressonâncias de um Governo-Potência que fixa um olhar ao mesmo tempo altivo e compassivo sobre uma espécie homóloga de povo, de povo-unidade. É o retorno a algum estilo, muito peculiar e que envolve agentes peculiares. É, também, a restauração de valores, uma ética, não uma moral: a primeira, sendo “conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica”, a outra, “conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as a valores transcendentais (é certo, é errado...)”, assim posto em simples por Deleuze (1992, p. 125).

Portanto, a escrita-máquina-revolucionária de João Antônio, a que me refiro, não pressupõe um combate contra a “pessoa” do governo, ou a “pessoa” do capitalismo, mas uma guerrilha contra forças opressoras/repressoras, que apequenam e igualam a vida. Potências como o Estado, a Ciência, a TV.

Essa é a tarefa no que João escreveu: a desterritorialização do “popular” vigente (fraqueza, compassividade, superficialidade...) e sua reterritorialização ético-estética (criação de melhores modos de existência); uma micro-política, pois existiu para uma minoria específica, para um povo particular, por mais que não o tenha alcançado efetivamente: “Eu escrevo sobre o povo e até para o povo, mas sou consumido pela classe média” (HOLLANDA *et. al.*, 1979-1980, p. 60); o retorno de um espírito “popular-urbano”, que existiu nas primeiras décadas do século XX, nas cidades brasileiras São Paulo e Rio de Janeiro, a realização alegre de tipos citadinos, pobres, periféricos, circulantes pelas várias esferas sociais; impulso forte, ético no limite de suas ações e perigos, artista da vida, que desliza livremente pelas superfícies do dia, que vive com o samba (sua maneira de poesia). Um circuito de híbridos de Lima Barreto, Nelson Cavaquinho, Araci de Almeida, Noel Rosa, Malagueta, Perus, Bacanaço, Perna-Torta, Tiro-a-esmo...

Apenas uma Escrita-máquina-de-guerrilha pode ousar restabelecer esse complexo de forças. Mesmo que só possa criar, e criar um outro, um duplo desfigurado do próprio ensejo, ela dá voz a esses fluxos, deixando-os ser tudo o que são, mesmo numa qualidade reativa às vezes, eco de um ressentimento genético relativo à exclusão das concentrações mais capitalizadas na vida social,

ou, numa mais ávida, a perspicácia que desafia os grilhões da angústia, nas aventuras pela Selva-Cidade.

3. DE SÃO PAULO E DE RUÍNAS

*Eu, quando vou a São Paulo ando, ando, ando toda a vida e nunca chega o Leblon.
(João Antônio)*

/

“É preciso ir ao Rio para descobrir São Paulo” (ANTÔNIO, 1976). Isso quer dizer: É preciso expurgar-me de São Paulo para que as coisas lá do outro lado pareçam mais autênticas, mais iluminadas.

O período em que João Antônio escreve a coluna “Paulista às Quartas”, notas sobre São Paulo que se estendem em “Acontece o Seguinte”, confunde-se com seu retorno a essa cidade, após haver vivido dois anos no Rio de Janeiro (entre 1964 e 1966). Informação determinante para a maneira como São Paulo passa a ser vista pelo autor. A frase “É preciso ir ao Rio para descobrir São Paulo”, que abre suas publicações no *Última hora*, representa uma relação com o urbano, que percorre um caminho duplo levado a um jogo especular. São Paulo

revela um novo Rio de Janeiro e vice-versa. Ora, o Rio é o novo direcionamento e vai cumprir a tarefa de purificar o lado paulistano em João Antônio. Já São Paulo, a terra original, fica condenada ao memorialismo, sem o possível de uma superação efetiva. Portanto, o movimento na escrita de João Antônio, em particular no *Última hora*, é emigratório, na relação com São Paulo; o Rio, não enquanto a terra prometida, mas os últimos resquícios de um paraíso perdido, tornar-se-á o território pelo qual ainda lhe vale o esforço de combatente, ainda lhe compete restituir sua rara saúde, seja apegando-se a esses restos, seja violentando suas superfícies vazias, ou cheias do nada tecno-progressista, que se impõe determinadamente nessa segunda metade do século XX. Enfim, mantendo-se na carreira de seu precursor, o pioneiro dos pingentes, cronista do Rio, Lima Barreto.

II

São Paulo em fragmentos (do *Última hora*):

“A cidade ganhou um tom mais cinza.”

“A fome também tem aumentado e fica bem negra quando se mistura aos esfomeados que chegam de fora.”

“O cavalheirismo e os modos rasgados na base da camaradagem, do chega pra cá e tom informal, o à vontade de um gesto de afago, dar lugar a uma senhora na condução... cadê isso em São Paulo?”

“O número das bocas de sinuca tem caído.”

O tom é regativo. Quando na escrita surge um algo que, como fuga, parece assinalar um sim, esse desdobra-se em ironia e faz retornar o não. As impressões parecem apenas reagir ao tempo e as des/configurações que ele processa. Esse João Antônio (e não falo da pessoa) é rancor, o mesmo que se manifesta na crônica-novela “Abraçado Ao Meu Rancor”, de 1986. A reatividade se expressa ao inevitável, à desconstrução de um ideal urbano que quer retornar em João Antônio. O ser das crônicas deseja outra São Paulo, ou outro tempo em que ela significava prazer, algo particular colado a seus próprios querereres (não que não deixe de encontrar, também, desejos do coletivo).

Gilles Deleuze (2006, p. 16) ensina que desejo não é a ausência de um dado objeto, mas que, no momento em se deseja algo (por exemplo, uma cerveja)

não é isso apenas que se quer objetivamente, mas todo um agregado de sensações (de conforto, segurança entre os amigos, leveza, embriaguez...) que formaram determinado instante do qual o objeto (a cerveja) foi participante em maior ou menor grau. Portanto, quando se quer alguma coisa, não é apenas porque essa se ausenta, mas porque se deseja o retorno de um ou mais instantes vividos em intensidade. Há, pois, em João Antônio, a vontade de retorno de uma certa complexidade urbana de que participou, mesmo que virtualmente, em alguns momentos.

Essa cidade, ou o agregado que compõe o desejo de retorno, aparece na fronteira de suas negações, nos entremeios do não, querendo ser, como que respirar nas brechas do sufoco. Mas acinzentou-se, não somente devido à fumaça “que sobe apagando as estrelas”, como na *Sampa* de Caetano Veloso, mas porque desapareceram os traços de uma coexistência informal, “camarada”, multicolor, e deram lugar à brutalidade da matéria-moeda, cinza e fria: sintoma da emergência de um sistema, fechado em si mesmo, corporativo, burocrático, “progressista”.

A busca do tempo/espço perdido, nesse caso, não condiz com a idéia de uma civilização avançada, em exemplar funcionamento, tendo em vista o deslugar de nossa tradição. Ao contrário, avizinha-se de um ideal anárquico, território onde o híbrido confluísse livremente, incluindo tudo referente à realidade brasileira, todo um repertório de tipos marginalizados, como boêmios, malandros, “profissionais do amor cronometrado”, “invertidos sexuais”, poetas malditos, ou seja, do comum ao mais diverso no amálgama cultural brasileiro. Talvez, a Boca do Lixo, na maneira como João Antônio a descreve, com situação precisa no tempo/espço, tenha sido um exemplo dessa maneira inclusora de existência:

A Boca do Lixo, inicialmente chamada Lixão, teve seu nascimento mais ou menos entre 57 e 58, floresceu com intensidade até 61, passou a ser uma das zonas de perigo da cidade a partir de 60, e morreu debaixo do terror policial em 1964.
(...)

Boca do Lixo era qualquer coisa mais responsável para o código malandro.

Para que se tenha idéia da seriedade do Lixão é preciso atentar para uma frase malandra, quando dois cobras entravam em desentendimento, e marcavam o duelo:

- Não tem mosquito. Me espera lá na Boca do Lixo às cinco da manhã.

Era ali que se ia disputar a façanha e conferir até onde e quanto morcego não podia passar por passarinho.

Boca do Lixo era um território livre, localizado exatamente entre as beiradas mais próximas das ferrovias. Apenas Rua dos Andradas, Rua do Triunfo e Rua dos Protestantes. E todas as transversais que atingissem essa área – Rua Aurora, Rua Vitória, Rua dos Gusmões e Rua General Osório. Convém notar que nem mesmo a Santa Efigênia entrava na história. A Boca do Lixo era, pois, um reduto num autêntico território livre. Quanto à explicação de tanta liberdade, é bom perguntar porque à Delegacia de Costumes.

Mas no miolo chamado Lixão, tudo mais ou menos era permitido à malandragem baixa, senhora absoluta de toda aquela faixa expondo bordéis, inferninhos onde basbaques, otários, polícia e malandros se amontoavam, se comprimiam e repetiam sob muitas formas, o espetáculo da zona de meretrício da Itaboca-Aimorés. Pitoresco, eufórico e nervoso, quase festivo por fora. Trágico, medonho e incompreensível como zona limítrofe de certas dignidades primárias.²

O que, anos depois, com a intensificação do controle policial (vigilância e punição), cede ao ciclo das necessidades urbanas. O território perde toda a liberdade. Mulheres correndo das rondas, Delegacia de Costume muito mais ativa e, principalmente, a Força Pública circulando intensamente naquelas ruas.

E é curioso para quem viu a acesa Boca do Lixo antes de 64 e a vê agora, uma magra contrafação daquela antiga e vigorosa. Antigamente, antes do ano do terror, a polícia parecia esquecida da verdadeira Boca. Hoje, que ela está esfacelada, moída, desaparecida, a polícia se agita em rondas noturnas, que resultam em apanhar uma e outra mulher.

(...) Marotamente, há nessa crônica malandra um evidente ciclo, onde um desaparecimento origina um nascimento. Atentem. Fechou-se a zona de meretrício no Bom Retiro em 53-54. Em 57-58, formou-se no comprimento de várias ruas, a Boca do Lixo que nasceu, viveu e morreu em 64. Nos dias atuais está de quartel montado, com várias luzes acesas e muitas sentinelas de plantão, a chamada Boca do Luxo. E, vejam, está faltando só uma característica – a de ser um território totalmente livre para a baixa malandragem.

Malandros, pivetes, jogadores de sinuca, prostitutas, um mundo de tipos marginalizados da Grande Cidade serviriam de mediação ao projeto de João Antônio de conectar a escritura ao popular. Mais que ferramenta de um serviço social, a idéia de

² Da crônica publicada em 29/11/1967, *Boca do Lixo, Essa Mentira*. O título alude à impropriedade com que, depois de já extinta, alguns “desavisados” estenderam o período de vida da *Boca do Lixo*, como também as reais demarcações geográficas onde ela se inscreveu.

“marginal” corresponde às redes afetivas desse autor, a vivências junto a esses modos de vida, conforme revela em depoimento a Edla van Steen:

A zona do baixo meretrício ficava entre as Ruas Itaboca e Aimorés, no Bom Retiro, junto à Alameda Northman. A minha vivência ali dentro foi intensa até 1953, quando a zona foi destruída pelo governo de Lucas Nogueira Garcez. Todo meu *Paulinho Perna Torta* se ambienta nessa área, que era o mundo mais alegre da cidade. Onde todos os preconceitos caíam, inclusive o da idade e o do sexo, porque à zona iam velhos, moços, homossexuais. Aquilo era uma alegria. Daí a convivência que eu tive com a malandragem. (1981, p. 134).

Admiração por um devir-malandro, fluxo que faz um curso de viés em relação à falsa evolução do capitalismo, e contrapartida que sofre cega e duramente as piores formas de repressão e opressão.

///

A cidade é resíduos: a ruína-matéria que servirá à construção da nova cidade, subjetiva, pois se processa nas mentalidades e trata-se de uma tarefa estética. É nesse plano que há algo a restaurar da São Paulo em declínio; cartografar e dispor as bases de um novo modo de existência: aquela que quer afirmar, que é pensamento e arte. Aí onde João Antônio pode se sentir temporariamente territorializado, entre as pulsões artísticas e de pensamento paulistanas. Onde, mais seguro, pode se jogar ao vento do combate. Não o combate-contra, o querer dominar que sanciona a destruição, a extinção do diferente, mas o combate-entre, o fazer existir, a agregação de desejos aparentados, destinados a serem antagonistas de toda uma cena de dispositivos de controle ativados por potências como Imprensa, Polícia, Mercado. É na atitude de guerrilheiro entre guerrilheiros que João Antônio via razão de habitar as ruínas. Haveria de produzir satisfação o fato de co-operar junto a intelectuais paulistanos, como seu amigo Sergio Milliet, que mereceria uma crônica em sua homenagem no *Última hora*, um ano após sua morte; além de um capítulo em *Casa de Loucos*, de 1976 (a mesma crônica, com algumas alterações de vocabulário, ordem, sentenças). Outros artistas e intelectuais apareceriam nas páginas das colunas “Paulista às Quartas” e “Acontece o Seguinte”, revelando um circuito de criação afinado às necessidades do momento: Ignácio Loyola de Brandão (11/12/1967 e 31/03/1968), Eugenio Kusnet (24/03/1968), Ziembinski (07/04/1968), Agenor, um

desenhista popular (14/04/1968), propósitos que se encontram, principalmente, na interseção de afinidades como o gosto do simples, do popular e na aversão às vaidades intelectuais, de toda uma tradição de homens do saber capazes de entender de tudo, e de nada que se aplique às coisas mais concretas. Ou, como ironizava Artaud (1983, p. 20), de tipos que vão de cá para lá, e acolá para falar, falar, falar...

IV

Um momento, talvez o único de caráter propriamente ficcional, espécie mista de conto e crônica, revela as impressões de João Antônio da São Paulo da segunda metade do século XX: pintura caótica, miscelânea de descontinuidades, irrupções abissais que atravessam linhas de medo e reatividade. E, de outro lado, linhas de fuga, ou a conexão desse excesso de informações, sua superação na solidão essencial, na figuração artística, na estilização da vida.

Para Blanchot (1987, p. 11), a solidão criativa não necessariamente reclama recolhimento, mas convida ao fascínio, insere-se no meio do continuado para lhe abrir os caminhos do eterno, dar-lhe a visibilidade da cegueira e voz de silêncio. A solidão da arte é a atenção pura que articula, no espírito da contemplação, uma multiplicidade de imagens, jogo que se realiza além dos limites do “eu” e do “tu”; ou seja, perfura buracos no plano das palavras e das individualizações, tornando inoperantes e difusos os órgãos e os organismos. Como em Gilles Deleuze (1997, p. 13):

A literatura segue a via inversa, e só se instala descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau: um homem, uma mulher, um animal, um ventre, uma criança... As duas pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu.

O conto ‘Psico... Delico...’, publicado no dia 22 de dezembro de 1967 na coluna *Paulista às Quartas*, não oferece novidade de estilo em relação à obra de João Antônio, mas serve enquanto mapeamento afetivo do encontro João Antônio – São Paulo. Trata-se de uma narrativa em terceira pessoa, na qual o

narrador acompanha a trajetória noturna de um publicitário, na noite de Natal. Tipo, como descreve, “barra limpíssima”, “pra frente”, solitário, que vive, nessa noite, um périplo que começa em seu apartamento, onde termina altas horas da madrugada. Visita a casa de dois amigos que, reunidos com a família, procedem normalmente ao ritual cristão estabelecido para a época do ano, num ciclo de ações e reações inscritas nos típicos encontros familiares. Isso, um repertório de futilidades em nome do “Espírito de Natal”, tempo cronometrado de ser dadivoso, chateia o personagem profundamente. Lança-se à noite, com seu carro, que o leva a um destino que foge às épocas: o boteco, universal e atemporal.

Esse momento configura o processo de desequilíbrio da narrativa e do meio da narrativa, o confronto do indivíduo com os costumes pré-estabelecidos ou com os costumes ocidentais, dotados de valores simbólicos vazios de sentido afetivo concreto. No boteco, plano das informalidades, ele é tomado por uma força intuitiva e lúdica que o faz dobrar as linhas do cotidiano linear, enfraquecido pelo Mesmo-Sempre, e desdobrá-las numa espécie de sono acordado, um sono insone, um plano de despersonalização que avança no mesmo sentido da solidão estética.

Num instante, entre cerveja e pizza, toma-lhe uma alegria absoluta. Ele passa a fabular, elevar-se aos devires: cria o devir-papai-noel, ou seja, com os restos de consciência natalina, brinca, só, com a idéia de uma singularidade mítica, de traços e ações específicos. A partir daí, em atitude de fluência alegre, afastada de todas as convenções e tensões cotidianas, mergulhado no esquecimento, torna a visualizar zonas que se avizinhem ao devir-papai-noel e algo que encarne, dê forma a essa visão. É quando, numa gama de possibilidades, surge à consciência a imagem de um conhecido do meio jornalístico, Murilo Felisberto que, aparentemente, seria a afirmação desse devir, ou sua realização mais concreta: “É branco como as neves eternas (...) e, de vez em quando, sai por Minas, Paraná e Rio pegando todos os jornalistas pobres e lhes arranja grandes empregos de presente. Um Papai-Noel de fato, de fato.”

O sono insone vai além: quando retorna a seu apartamento, vê através da janela “um trenó saindo de trás de um prédio. Passou na sua frente e pôde notar Murilo Felisberto segurando as rédeas, rindo levemente (...). Havia claridade no Céu e da cabeleira branca de Murilo desprendia-se uma leve névoa toda feita de poeira de estrelas.”

“A saúde, como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta. Compete à função fabuladora inventar um povo” (DELEUZE, 1997, p. 14). A fabulação torna-se, nesse caso, um empreendimento de Grande Saúde, a mesma que Nietzsche opôs à *décadence*, ao espírito do pesadume, sombrio, tenso.

Isso me remete a um belo continho de Carlos Drummond de Andrade (2003, p. 44), “A Incapacidade de Ser Verdadeiro”, no qual o talento fabulador/falseador de uma criança abala o cotidiano prático e, aparentemente, verdadeiro da mãe. Nesse caso, a Saúde do menino vira doença aos olhos de outros:

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspidos fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa, como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

- Não há nada a fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

Fabula-se aquilo que não é vivido na constância dos dias, fabula-se uma Cidade Subjetiva no interior de uma cidade, pulsionando todo um agregado a caminho desse princípio fabulador.

Não se trata de uma aventura alienada, mas um olhar que não se esqueceu do instante, do retorno e da afirmação do eterno retorno do instante. Para tamanha incursão seja preciso a criação de outra linguagem no interior da língua, aquilo que Deleuze (1997, p. 122) chamou gagueira e que está indissociável da tarefa de escritor de literatura. Dar voz à gagueira significa possibilitar o combate-entre-gagos, supõe a resistência ao Significante ditador, morno, conformado, apequenado, escravizado, tenso, sério, adulto... Todos os signos em ruína (Papai-Noel, casamento, órgãos do corpo humano, órgãos públicos) servem de matéria que, desconectada de sua natureza mórbida, vem a

se reterritorializar nas novas Subjetividades, na formação de novos modos de existência mais leves e ativos.

4. DA LITERATURA

*(...) não tenho nada a dizer, ninguém tem nada a dizer, / nada nem / ninguém exceto o sangue, / nada senão este ir e vir do sangue, este escrever sobre o já / escrito e repetir a mesma palavra na metade do / poema, / sílabas de tempo, letras rotas, gotas de tinta, sangue que vai / e vem e não diz nada e me leva consigo.
(Octavio Paz)*

I

“Corpo-a-corpo” é uma invenção de João Antônio. É nome de uma coluna do Jornal *Última hora*, que existiu durante o ano de 1976. É também um projeto literário que o autor apresenta pela primeira vez no seu *Malhação do Judas Carioca* (1975), num texto que se chama “Corpo-a-corpo com a vida”:

O caminho é claro e, também por isso, difícil – sem grandes mistérios e escolhas: Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma.

Dar o corpo à tarefa de intervir na realidade brasileira. Deixar-se afetar num todo pela vida de um gregário do qual se faz parte. Desonerar-se em absoluto de um beletismo que ocupa o privilégio da posição externa em relação àquilo que supõe transformar. Sofrer junto, ou sofrer, apenas; mas um sofrimento via de criação, de restabelecimento ou reposição de vida.

É possível que esse projeto não tenha se realizado conforme seu desejo: a escrita é uma máquina revolucionária, mas sua ação efetiva é imperscrutável, como já disse Heloísa Buarque de Hollanda (1979-1980, p. 73): “O desejo de intervir no sistema não basta para que essa intervenção se dê.”

Porém, por mais ambicioso o projeto, sua projeção é positiva e deve ser ativa, mesmo no caráter de “guerrinha”. O que importa é que a escrita em João Antônio se abra em resistência, se não direta contra as Potências, rentemente contra as “falsas falsificações” que ocupam o exercício da escrita, seja jornalística ou literária: operação que já existiu em Lima Barreto, que parte de uma aversão mesmo física (o nojo de Isaías Caminha pelo juízo dos “escribas” do jornal) das escritas como investimento “fariseu”, fórmula de sucesso ou produção de méritos, recompensas em desnatureza.

Corpo-a-corpo é a proposta de um literário que remeta diretamente à vida, que seja colado a ela, que vá de um limite a outro do acontecimento brasileiro. Trata-se de uma escrita-saúde que não teme afrontar-se com o que sangra ou cheira mal, com a chaga e a merda.

Largo-me agora, entro sem licença no campo móvel da escrita-de-sangue.

//

Para Artaud (1983, p. 20) e, em conseqüência, para Deleuze, grande parte do que se escreve, é excremento, porcaria, refluxo parasitário. Referem-se a toda uma tradição de “gente literária”, a tipos que “saem de um lugar qualquer para explicar seja lá o que lhes passa pelo pensamento”. Já uma outra escrita, a escrita-combate, lugar de imanência do desejo, sopro fluido, Nietzsche, Hölderlin, Villon, Poe... é o seu mais puro acontecimento, súbito transbordamento, corpo-sem-órgãos.

A mais penetrante escrita é sofrimento, porque é luta incessante, inconsciente, é o necessário, o inevitável. É Baudelaire, no âmago da falta, da fome, do veneno. Já a Literatura, quando encarada como instituição quase monástica, sem átrios, entidade signica definitiva, não é o suficiente. Apenas porque não há um “lugar literário” específico, senão um cercado vago e transcendente, idealizado por forças hostis, sujas de restos funestos e espelho de

sua capacidade intuitiva. Há a multiplicidade da escrita, de que participa, sob todos os olhos censores, a escrita de sangue e merda, “pichada” por Sade nas paredes de sua cela.

Há uma espécie de vento brando e prudente que pode afetar algumas cátedras ou alguns catedráticos acadêmicos. Chama-se a formação de um instinto de pastoreio, o fechamento em si de castas ovelhas de presépio, um canto-súplica de escravos pela glória do *ressentiment*. Um vento que engendra muitas ciências técnicas literárias numa engrenagem de gestos eunucos, uma falsa propriedade que impregna o conceito Literatura de um não redundante, uma sobrevivência apenas numa esfera fraca e dialética, polar, ordinária.

A Literatura não é um território, uma disciplina ou um sistema fixos, mas um processo de desterritorialização. Escrita é agenciamentos. Não importa dizer se deverá ou não existir no porvir: o lamento pelos insucessos de um Progresso Literário fica a cargo dos que fizeram da escrita a teta possível, seu binômio papai-mamãe, nos altares de uma consciência governada pela Palavra de Ordem do comércio, atrofiada em suas potencialidades.

Vivemos o fim da Literatura? Uma resposta heideggeriana possível talvez tratasse a questão como impensável, atribuísse ao humano, nada capaz de uma investigação dessa ordem, apenas o poder se “pôr à disposição” do melhor porvir, o que não significa viver do porvir, que não existe. Que uma segunda resposta pudesse, simplesmente, desprezar essa pergunta, ou fosse precisa e absoluta em sua ironia, como o fez Marguerite Duras (BRITO, 1999): “Creio que isso vai acabar em 2027. Pronto: de repente, ninguém escreverá mais”. Há quem prefira lamentar antes, choramingar uma dor pária e ególatra. Tipos que, enquanto conferem à escrita estatutos pré-estabelecidos e redundantes, a mesma moral compassiva, bem intencionada, mas falso-altruísta de instituições sociais. Criam para si esteio para seguir sobrevivendo da estagnidade ou ausência de qualquer potencialidade poética. Quanto a esses, me ponho absolutamente à disposição de esquecer, ao menos na tentativa de desprezar um sintoma evidente, impregnado no corpo das instituições acadêmicas e jornalísticas: um relativismo anárquico de fluxos pobres, impotentes de pensamento, a mais perniciosa das filosofias, eterno retorno de uma individuação medíocre, que se direciona a qualquer sucesso sem a menor amplitude ou penetração.

Onde há acontecimento-escrita? Responde Artaud (1983, p. 116): onde

pode-se inventar uma linguagem própria, fazer com que a linguagem fale com um sentido extragramatical, mas é preciso que haja um sentimento válido em si, que provenha do horror – o horror, este velho servo da dor, sexo como uma coleira subterrânea de aço produzindo seus versos a partir da doença: o ser, e nunca tolerando que o esqueçam.

Onde há necessidade de arejamento, do combate esfomeado, da máxima intensidade. “Deve-se falar apenas quando não se pode calar”, diz Nietzsche (1983a). Esse é o questionamento e a orientação radicais que norteiam essa reflexão sobre a escrita. Delimitar a escrita num “para a sociedade” é se esquecer de sua natureza, sua condição de nascimento, a solidão essencial. Torna-se gregária porque não tem limites em si, é um devir super-material, portanto transborda, inunda as “vontades involuntárias”. É inesperadamente, de maneira imperscrutável pelas ciências, que ela opera revoluções “no plano físico, fisiológico, anatômico, funcional, circulatório, respiratório, dinâmico, atômico, elétrico...” (*apud.* LINS, 1999) tipo de revolução-metamorfose, como revela Artaud em carta a Breton.

Escrita, porque sim. Sim aos possíveis na vida, oposto às confrarias intelectuais que pregam seu princípio sem vivê-la. Escrever é um auto-engendramento e se forma em ação incessante de prazer-dor, morte do organismo, liberação do corpo-sem-órgãos, imanência do desejo. Prazer-dor que transpõe a visão habitual e encontra “a diversidade que em vão procurara na vida, nas viagens” (PROUST, s/d), “uma essência artista”, “qualidade última no âmago do sujeito” (DELEUZE, 1987). Vale dar voz a Jorge Luis Borges (BRITO, 1999):

Eu escrevo para responder a uma pergunta, a uma necessidade interior. (...) Eu não escrevo para poucos, nem para a grande maioria. Eu o faço quando sinto necessidade. E não procuro personagens. Eu espero que os personagens me encontrem... e posso também rechaçá-los. (...) Quando alguma coisa me vem, uma espécie de vaga revelação – a palavra é pretensiosa, eu diria antes, quando entrevejo alguma coisa, que pode ser um poema, um conto, uma página de prosa – ela me é revelada em seguida. Eu procuro intervir o menos possível no que escrevo. E, como não tenho opiniões definidas em matéria, por exemplo, de ética ou de política, procuro não deixar minhas opiniões intervirem no que escrevo. (...) Assim, uma obra inteira pode adquirir um valor que vai muito além da intenção do escritor.

A partir disso, a escrita-acontecimento se revela como grande desarmonia, um desequilíbrio afetivo, uma falta que se quer completar ou um excesso que se quer dejetar. O grito de “protesto, protesto, protesto!” de Lorca. A poesia-dança-circular de Pound, que não estanca porque não se completa, não finaliza, mas se refina. O leitor não é o fim: é atravessado e, muitas vezes devassado pela crueldade do desejo puro.

Escrita-corpo-sem-órgãos: transmutação física, transvaloração de valores, escrita de espíritos livres. Tamanha incursão abissal encarregada de uma grande tarefa, a afirmação da vida, dos recônditos terríveis e problemáticos às superfícies brandas e plásticas. Arte pela vida. (O conceito *l’art pour l’art* revela-se como um pensamento incompleto, uma reação imediata, apenas, aos usos doutrinários da escrita).

Pluralismo, misto motor Apolo-Dioniso, liberdade manifesta na máxima raridade, em anti-exemplo, como Lawrence Sterne, descrito por Nietzsche (1983a) como o artista que

se eleva, justamente, como exceção magistral, acima daquilo que todos os artistas da escrita exigem de si mesmo: disciplina, fechamento, caráter, constância de propósito, perspicuidade, simplicidade, compostura no andar e no semblante, (...) uma tal dubiedade de carne e alma, uma tal liberdade de espírito penetrando até cada fibra e músculo do corpo.

Escrita-silêncio-solidão que o acaso transborda de seu cálice-caverna, avançando em ritmo bárbaro, que não interrompe para dar explicações, não cede ao entendimento. Desejo além do bem e do mal, “via de acesso onde o sofrimento é querido, transfigurado, divinizado” (NIETZSCHE, 1983b), dor-prazer, mas que se distingue do auto-aniquilamento, do desprezo-de-si cristãos, pela sua inteireza, sua natureza trans-dialética, por ser *amor-fati*. Em diferença, o sofrimento cristão é um não e quer o fim, o outro, o além-mundo, uma máquina que, por não querer a si, busca enfraquecer todo o resto, estratificá-lo, invertê-lo.

Escrita, pois, se nos revela com maior complexidade e, ao mesmo tempo, maior leveza, já que não está essencialmente adensada às seriedades burocráticas da sociedade. Pensá-la a partir de uma ótica predominantemente social é devassar suas bases inconscientes, recriá-la, torná-la o espectro de uma ditadura democrática - ambivalência que consegue um elo profundo com a

situação mais concreta. Fazê-lo é o papel da “gente Literária”, porca, como definiu Artaud. Indignos da escrita, cujo medo absoluto mora na idéia mera de tomar da caneta, naufragar na incerteza e deixar-se morrer de metáfora. Artaud (1983, p. 116): “Tudo o que não for do tétano da alma, (...) como os poemas de Baudelaire e de Edgar Poe, não é verdadeiro e não pode ser aceito como poesia”.

III

Retorno ao corpo de João Antônio (à terra, serenando os impulsos):

É possível que um Corpo-a-corpo literário não valha tanto em terra onde as letras, as ciências e a política vivam amolecidos pelo engodo do supercapitalismo, desviados de um destino legítimo. Mas, ora, ao escritor resta escrever, embora nada lhe responda àquilo que reclama. A escrita, como vimos, é o eterno inacabado, portanto o corpo-a-corpo não encerra com a obra fechada, permanece com a vida que não cessa na incerteza. A dúvida remete a investigações constantes, necessárias para que um escritor saiba as dimensões do terreno no qual assenta seu esforço.

Mais de uma vez, João Antônio se compromete com a tarefa meta-literária, de inquirir sobre a natureza, a prática e as projeções da arte de escrever. Em 1966, propõe um “inquérito” sobre o Romance Urbano (publicado na Revista Civilização Brasileira), cobrando objetivamente as posições de seis escritores de romance brasileiro, Carlos Heitor Cony, Sylvan Paezzo, João Martins, Esdras do Nascimento, Thereza Cristina e José Agripino de Paula.

Na coluna Corpo-a-corpo, dez anos depois, parece repetir a fórmula com outros escritores, com questões relativas à escrita da década de 70. Do inquérito, distribuído pelos vários dias de publicação, participaram:

José Louzeiro, jornalista e escritor de romance-reportagem; dentre eles, o mais festejado, *Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia*;

Aguinaldo Silva, também jornalista e escritor de romances, contos e novelas de TV (na atualidade). Escreveu *Redenção para Job*, em 1961, *Cristo Partido ao Meio*, em 1965, os contos de *Dez Histórias Imorais*, em 1967...

Júlio César Monteiro Martins, na época com 20 anos, autor de contos que figurou junto a jovens escritores da época, como Caio Fernando Abreu, Luiz Fernando Emediato, Domingos Pellegrini Jr., Sérgio Faraco, Antônio Barreto e Jéferson Ribeiro de Andrade.

As perguntas se centralizaram em assuntos representativos da cena literária do momento. São eles:

- a. o “boom” literário de 1975;
- b. a contraposição, apontada por alguns críticos da época, entre o conto/romance-realista-fantástico e o conto/romance-reportagem, seu enfrentamento remetendo a outros duplos, como falso/verdadeiro, alienação/engajamento etc.;
- c. o surgimento de uma estética chamada “marginal”, composta por textos mimeografados, vendidos de forma direta em ruas e praças públicas.

8. Do “Boom” Literário:

Quanto ao primeiro tema, tomo as palavras de Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos Augusto Gonçalves (1979-1980, p. 71) para defini-lo:

Menos dependente do investimento estatal e gozando de uma relativa autonomia diante da censura (a que atraiu tão logo se mostrou presente, com o recolhimento de *Zero*, *Feliz Ano Novo* e *Em Câmera Lenta*), a literatura experimenta o chamado “boom” de 75 (...). O novo escritor passa a ser considerado um bom negócio, antigos escritores são relançados com roupagens novas, há o conhecido surto da poesia. No campo institucional, a premiação e a promoção de concursos literários se investe de sentido de patrocínio e incentivo. As empresas editoriais testam o alcance comercial de lançamentos bem programados do ponto de vista mercadológico. A forma curta e direta do conto se consolida. Por outro lado, conhece-se a proliferação de revistas literárias que respaldam e se alimentam da boa maré que a literatura experimenta nesse momento: surge *Escrita*, *Ficção*, *Inéditos*, e as sofisticadas *José* e *Anima*, esta última revelando em seus dois primeiros números os melhores momentos da editoração periódica dessa hora. A grande imprensa, ainda que mais prudentemente, começa a abrir espaço para os suplementos literários.

O contexto político do “boom” corresponde à criação da PNC – Política Nacional Cultural – instituída pelo presidente Geisel e pelo ministro Ney Braga que, entremeados nas práticas coercitivas da ditadura militar, pretenderam inscrever as artes nos limites do ideário estatal, sob o pretexto de preservar a “personalidade” brasileira. Cinema, música, teatro e literatura avançam em direção à sua consolidação mercadológica, sob tutela do Estado, ou seja, todo um organismo tecno-burocrático.

Não parece que a literatura, inicialmente, tenha sido tão beneficiada quando as outras categorias, mas é inegável que tenha participado desse processo. Junto a isso, outras razões a teriam propulsionado como, por exemplo, a repetição da fórmula do *best-seller*, assentada sobre concepções progressistas, humanitárias e uma efetiva abertura à consolidação do fenômeno conhecido como indústria cultural.

João Antônio, porém, vem a abrandar, no ocaso dos 70, a euforia que ele e outros escritores produziram em torno da idéia de “boom”:

Devemos ter, para começo de conversa, um solene desprezo pela expressão *boom* literário, como diz Wander Piroli. O que houve e está havendo de certa forma é um esforço com momentos bons, maus e médios. (...) Se o *boom* decresceu no final da década? Ora, mas não houve *boom*. Existiu apenas um esforço, uma chegada de caráter, um pingão de vergonha na cara. Apenas isso. Agora, como isso era muito necessário ao país, foi bastante importante. Afinal, a grande crise brasileira ainda continua sendo a imensa falta de caráter. E de vergonha, claro. (*apud*. HOLLANDA *et alt.*, op. Cit., p. 54 e 56)

Com ou sem ressonância de “boom”, sabe-se que houve um crescimento expressivo de vendas de livros brasileiros de ficção e publicações sobre literatura em periódicos no período em torno de 75.

Para José Louzeiro, o “boom” de 75 é efeito da intensificação da engrenagem de produção literária e do bom nível dos escritores que despontaram na década. Dentre eles, Ignácio Loyola de Brandão, Roberto Drummond, Wander Piroli, Assis Brasil, Aguinaldo Silva, Fuad Atala. Arrisca o palpite de um retorno do público à leitura e de um comprometimento maior do autor com seu público: “o escritor não pode deixar de ser um participante. Os que optam pela contemplação não têm direito de exigir a receptividade do público.”

Já Júlio César não considera significativa a participação dos escritores no fenômeno do “boom”. Sua opinião é a de que escritores como Loyola de Brandão, Wander Piroli e outros “seriam reeditados com ou sem ‘boom’, porque são escritores conscientes e responsáveis, porque falam a coisa certa na linguagem certa”. Os fatores que ele descreve como responsáveis pela maior circulação de livros e periódicos se dão mais no nível da indústria que no interior da produção literária. Destaca “o amadurecimento de algumas editoras nacionais, que começam a investir no autor novo, o fato da abertura para os latino-americanos ter provado que há arte para além do Velho Mundo” e o fato da “literatura ter assumido a direção das vanguardas no Brasil”.

Aguinaldo Silva parece aliar essas condições. Segundo ele, é a participação mais coerente do escritor na realidade brasileira, a sua situação como testemunha dentro do tempo e dos processos (econômico, cultural, político) que a escrita nacional se tece, que desencadeia esse instante de “grande euforia” no complexo literário.

A entrevista com Júlio César aconteceu nos fins de julho de 1976. Dois meses mais tarde, João Antônio apresenta publicamente uma carta sua, na qual renuncia à idéia de “boom”, em virtude de razões relacionadas às condições do escritor no Brasil. Considera vulgar, nada profissional, o onde se assenta o escritor no país das “Bruzundangas”, como na língua de Lima Barreto. Diz assim:

É cabível atribuir ao escritor tamanha relevância no cenário tupiniquim, quando estes mesmos escritores, com raríssimas exceções, necessitam dedicar-se em tempo integral a atividades jornalísticas, publicitárias, bancárias e outras, para o sustento de si próprios e de suas famílias? Que “boom” é esse de livros desconhecidos pelo povo brasileiro e não lidos nem pelas camadas mais pródigas da classe média esclarecida? (...) Ou seria o caso de uma “implosão”, uma literatura que converge para dentro de si mesma: para os que, de um modo ou de outro, lidam com ela?

Ao que João Antônio responde, na edição do dia seguinte, que o jovem remetente tenha se acometido de um perigo: a transposição de realidades, o esquecimento de que o país em questão, a República das Bruzundangas, vem de uma tradição de instabilidade financeira, de nação que vive aos “solavancos”, onde “escrever continua sendo brilharco, (...) longe de valer como uma

profissão”; e “arredar o pé dessa realidade já estará no terreno movediço da pura fantasia”.

Significa que o avanço, quão meramente tenha acontecido, já vem a representar sintoma de sucesso num país em que o pouco diferente, o que pisa um mínimo para além dos limites do mesmo tende a ser levado à glória. Ou, como completa o autor, “é oito ou oitocentos”, “as coisas, no fundo-fundo, continuam como estão, porque a situação não muda um só milímetro: o escritor trabalha em outras profissões para sobreviver e é um trabalhador mal pago”.

9. *Do Conto/romance-reportagem e do Conto/romance-realista fantástico:*

Qual ressonância o conto/romance-reportagem pôde criar com a realidade brasileira no período de sua consagração, na década de 70? Isso remete à função do jornalismo numa sociedade e ao estatuto de verdade no qual ela se assenta.

O Jornal sempre existiu em função da Verdade, da comunicação dos fatos tais quais se realizaram, sem qualquer mediação subjetiva, sem a contaminação do juízo de seus portadores. Agora, a Verdade, quer nos saberes, quer na constituição moral da vida moderna, quer nos órgãos de Imprensa, sempre reclamou uma posição unívoca, absoluta. Quem melhor que Friedrich Nietzsche (1998) examinou a tendência de falsificação da vida em nome de uma “verdade”? Aquilo que, sob a potência moral da “Verdade”, consistiu no empreendimento de um juízo da vida, propulsionado por forças reativas, com a finalidade de transformar a humanidade num todo de indivíduos iguais?

Nesse sentido, a escamoteação da diferença só se tornaria possível por meio da moderação da força. Visto que a fraqueza, a servidão, sua maneira ressentida e culposa, nunca se imporia sobre as potencialidades aristocráticas e seu modo leve e intenso, restou-lhes legitimar-se reativamente como o Ideal, o Certo, o Único admitido. Dessa forma, a fraqueza tornou-se a Palavra de Ordem, o estatuto de Verdade Absoluta, o Juízo de Deus, conforme Artaud (1983, p. 146).

Para dar fim a esse Juízo é que, em termos de força, se contrapõe a idéia de Justiça, em Nietzsche, que corresponde à tarefa de inversão dessas “falsas falsificações” e o mais efetivo exercício de alcance e afirmação da vida,

que é multiplicidade. Portanto, não há Verdade, senão uma interpretação de interpretações, como nos ensina Michel Foucault (1985), em meio a tantas outras verdades das quais parte se impõe como ação, e outra, como reação, em tons afirmativo ou negativo.

O exercício da Justiça, em Nietzsche, é o processo pelo qual as forças afirmam a si mesmas e, portanto, agem e não reagem. Colocam-se positivamente ante o mundo das multiplicidades, criam normas que não se impõem obrigatoriamente, de modo coercitivo e regulador dos impulsos, mas uma ética como cuidado de si, intensificação da vida, leis facultativas.

Num Brasil pós-AI-5, a Verdade vem impor-se através dos meios oficiais - Potências como Estado, Imprensa, Polícia. A Palavra de Ordem é Progresso! (mais um “pastiche” nacional, aquela impropriedade sobre o que Schwarz (2000) nos ensinou) e, para que faça ressonância absoluta torna-se necessário calar a voz da Justiça, que resiste a qualquer pressão escamoteadora, opressora e repressora.

O Jornal sempre se equivocou quanto a seus reais objetivos: pretendeu dar voz à Verdade Pura, jamais encarou a si mesmo e afirmou sua natureza interpretativa e, no fundo, um recorte de subjetividades no interior de uma forma que se quer objetiva, mas que nos entremeios deixa vazar suas linhas de juízo. Agora, atravessado pelos ideais do Estado Autoritário, vê-se ainda mais suscetível às influências do olhar Humano, mais distanciado da objetividade, da Idéia clara, coesa, verdadeira. Ou seja, sua fórmula parece não fazer mais sentido para aqueles que lhe eram fiéis, àqueles que a tomaram comprometidamente, que a empregaram com responsabilidade.

Romper com a fórmula objetiva em si significaria, portanto, afirmar o que muito se negou: o subjetivo da escrita, que não supõe necessariamente a imposição de um “Eu” individuador sobre o coletivo, mas a apresentação de uma subjetividade, todo um repertório de vivências que se dispõe à análise e à Justiça de seu meio contaminado pelas mais covardes formas de controle. O conto/romance-reportagem vem a ser isso: a desterritorialização do Jornal e sua reterritorialização numa forma mais possível, híbrida por natureza; a estilização do que se quis imutável, “inestilizável”, verdadeiro, essência, o informe.

As condições nas quais o Para-Jornalismo foi possível no Brasil não correspondeu às mesmas superestruturas de, por exemplo, um Truman Capote e

seu afamado *A Sangue Frio* (2003). Aqui, tudo aconteceu mais precária e “caseiramente”. Não alcançou o mesmo sucesso, porém se impôs à necessidade do momento: escapar aos olhos censores, por vezes cegos às alegorizações literárias dos acontecimentos. Não afirmo que o conto/romance-reportagem fosse alegórico, como, por exemplo, o contemporâneo *Incidente em Antares* de Érico Veríssimo, cujo espaço na história se constitui de um plano figurativo para revelar ou denunciar experiências do efetivo. Mas que toma emprestados alguns elementos da alegoria, quando torna a prática objetiva do jornalismo tradicional, apenas como enquadramento para representar algo maior que ela, que transpõe suas condições físicas e se inscreve no terreno das subjetividades poéticas. Ou seja, faz uma alusão formal a processos de alegorização.

De outro lado, ou do mesmo, posiciona-se o realismo-fantástico e/ou maravilhoso? Esses são fortes tendências nos países latino-americanos, durante a segunda metade do século XX, representadas pelo colombiano Gabriel García Márquez, os argentinos Julio Cortázar e Jorge Luis Borges, os brasileiros José J. Veiga e Murilo Rubião. Não se trata de um oposto, ou um contrapeso àquela estilização crua do real, mas de uma outra saída, outra linha de fuga, outro estilo, apenas.

O fantástico e/ou maravilhoso (apontados como diferentes na concepção de seus autores) são o terreno onde o trágico dá saltos maiores, para além do cotidiano prático, ou para aquém dele, pensando numa estrutura molecular. Diferente do reconhecimento, na literatura-reportagem, esses propiciam o desconhecimento, a despersonalização, a desconstrução de um universo fundamentado em processos continuados. O absurdo reduz a moléculas, ou acentua em nível cósmico as formas pré-estabelecidas, e faz com que circulem num ritmo inorgânico, caosmótico.

No mágico, o sistema é mítico, macro/caosmótico ou micro/molecular e o tempo é circular. No literário-reportado, o sistema é orgânico e o tempo continuado, calendário cristão. Dois estilos diversos que dependem unicamente da intensidade, do ritmo, da inspiração com que se articulam seus elementos constitutivos para que se julgue a qualidade da obra, que é sempre individual, como disse Antonio Candido (2000, p. 127), quanto à solidão da obra. Questão de estilo, apenas, que não cabe remeter a oposições como alienante/comprometido, concreto/abstrato, falso/verdadeiro...

Dando voz à empresa inquiridora de João Antônio, chega-se ao mesmo, um coro que afirma a diferença dos estilos sem colocá-los em posições opostas.

José Louzeiro, romancista-repórter, tenta, ainda que forçosamente, aproximar os estilos:

O romance-reportagem não é, ao contrário do que se possa imaginar, o oposto do realismo-mágico. São até muito parecidos. Nas terras de Macondo, os anjos dissolvem a candura das cores no cinza inglório das paisagens de trabalhadores. No romance-reportagem, ouvimos o ranger de dentes de almas penadas que já foram, mas ainda mantêm a aparência humana. Aqueles que se deixaram afundar no mar do ódio, não podem ser considerados deste mundo, nem temos nada mais a fazer por eles.

Argumento tanto pomposo quanto vazio. Mas qual a razão de fazer-se verossímil sempre, como já afirmou Nietzsche, em algum momento de sua obra?

Aguinaldo Silva une os estilos, desconstruindo a barreira entre eles, formada por certos críticos, pela oposição alienação/engajamento:

Há autores empenhados num trabalho de realismo fantástico, como Hermilo Borba Filho e Murilo Rubião, que partem de uma idéia muito clara em suas obras: “a realidade em que vivemos é injusta, e precisa ser modificada, nem que seja à custa do maravilhoso.” Essa proposta, na minha opinião, é tão engajada quanto a de Ivan Ângelo, nesse importante romance (recém-chegado) *A Festa*, ou a Ignácio de Loyola Brandão, no monumental *Zero*. Da mesma forma, os escritores que optaram por um estilo mais direto – o romance-reportagem, como dizem – estão igualmente certos, desde que o ponto de partida dos seus trabalhos seja aquele a que nos referimos, a propósito de Hermilo e Murilo: “O que é certo não é certo” – disse Brecht -; as coisas nunca ficam como estão.

Júlio César também reconhece a existência de um signo em comum entre os estilos, que corresponde ao desespero do real e, ao mesmo tempo, traços que os diferem, que nada mais são que instrumentos de criação, que podem ser bem ou mal utilizados.

Há um certo radicalismo na maior parte das análises sobre isso. O texto é bom se diz o que precisa ser dito e é bem compreendido, não importa se realismo crítico, conto-reportagem,

realismo fantástico/mágico/maravilhoso. (...) Estão todos a serviço de nossa capacidade de expressão, não é mesmo? Então vamos usá-los. O realismo fantástico retrata uma certa perplexidade de quem vive entre dois mundos. O realismo crítico disseca o defunto e o vivente, enfia o dedo nas feridas da nação. São ambos frutos do desespero, e são ambos indispensáveis e não, como querem alguns, incompatíveis.

Compreenderam? Se há oposição, é antes uma questão de articulação criadora do que de estilo literário.

10. Da Literatura Marginal: “Lixeratura”?

Charles, Chacal, Affonso Henrique Neto, Ana Cristina César, Roberto Piva, Paulo Leminski, Cacaso, Glauco Matoso... seriam uma outra saída? Uma saída-esporro, na linha da crueldade; a carne viva que deixa fluir suas secreções, transparecer sangue-suor-porra-merda, em poética direta, curta, louca. Fala Armando Freitas Filho (1979-1980):

O que Affonso Romano chamava, pejorativamente, como foi lembrado, de “lixeratura” era, na verdade, a criação de um circuito alternativo fora da ditadura das editoras, e que se impunham ao ar livre, como já vinha ocorrendo com a chamada imprensa nanica. (...) Eles nos devolveram o orgulho de sermos apenas poetas, de irmos, sem vergonha, para as ruas apregoando essa condição e vendendo nossa produção.

Lixeratura, se no caso o lixo é afirmado, reconhecido como parte de matéria, mesmo que marginalizada por algum higienismo civilizador. O uso pejorativo do crítico é efeito disso.

O “marginal” herda de Sade, Rimbaud, Genet, Artaud a ausência de vergonha e de medo, ou a máxima transparência que afirma suas vergonhas e medos. Essa estética permanece ainda hoje: há perfeitos seguidores da herança leminskiana, cacasiana que seguem revelando o estético do “tosco”, do “sujo”, do “decadente” e, ao mesmo tempo, um lado apaixonado e lírico. Uma nova antropofagia, que devora as tradições, devolvendo um híbrido/fusão/confusão do concreto, do modernista de 22; da prosa, do verso; do discursivo, do circular... Um

exemplo, poema de Ana Cristina César, quando o lírico cruza com o sujo das secreções, a ânsia do enjôo:

“Nestas circunstâncias o beija-flor vem sempre aos milhares”

Este é o quarto Augusto. Avisou que vinha.
Lavei os sovacos e os pezinhos. Preparei o chá.
Caso ele me cheirasse. Ai que enjôo me dá
O açúcar do desejo. (1993, p. 145)

Retornando ao questionário de João Antônio:

Dirigida a Júlio César, a questão que reclama sua opinião quanto à estética chamada “marginal”, literatura de “mimeógrafo”, encontra uma reação parecida à daquele crítico, que caracteriza, em minha opinião, um olhar desatencioso ao diferente, mesmo um insulto, ação descuidada com esse esforço criativo que percorre de viés os caminhos editoriais:

Esse papo marginal sempre me pareceu algo meio drogado, meio pra lá de qualquer coisa. Creio que nunca um veículo tão simples e direto, como os textos mimeografados vendidos nas calçadas e portas de teatro, transportou mensagens tão indefinidas e estilos tão herméticos e enfadonhos.

É possível que o “indefinido” seja mesmo marca dessa poesia, caldeirão de estilos que caracteriza esse momento; mas como sintoma positivo, abertura a novas vertentes literárias e a caminhos alternativos de expressão e de acesso à literatura. O “drogado” é pejorativo, mas se o significado remetesse ao efeito de delírio e transcendência, ativado com o uso de “drogas”, certamente anularia o potencial criador de escritores como Edgar Poe, Verlaine, Rimbaud, Genet, Artaud, cuja escrita sempre esteve acompanhada desses produtos especiais.

Do hermetismo, responde o poeta Waly Salomão (*apud*. HOLLANDA *et aut.*, 1979-1980), no poema “Olhos de Lince”, contemporâneo e avizinado às novas maneiras de criação, afinado ao próprio pandemônio hermético-aberto, intuitivo:

Quem fala que sou esquisito hermético
é porque não dou sopa estou sempre elétrico
nada que se aproxima nada me é estranho

**5. DOS POVOS URBANOS,
E DE JOÃO (ANTÔNIO) DO RIO**

Eu não consigo ver a literatura divorciada da vida. Não é que eu ache que toda literatura deva ser engajada politicamente. Ela tem que ser engajada com a vida.
(João Antônio)

/

Não é possível “divorciar” a experiência americana (vivência espontaneamente fragmentária) da atividade escrita da América – já afirmou Gilles Deleuze (1997, p. 67-68) em um ensaio dedicado à visão whitmaniana do proceder literário nesta colcha de retalhos que se chamou de América. Uma literatura de minorias, de pequenos povos federados: esse é o possível. Nunca a apresentação de grandes indivíduos, do *Eu*-ropeu, mas a de agenciamentos coletivos nos quais o *eu* não pode mais ser focalizado individualmente, senão como parte-singularidade de um mostruário de fragmentos, como parte do popular por excelência. É o que, segundo Deleuze com Walt Whitman, torna o projeto e a intenção americanos uma experiência fragmentária inata, diferente do fragmentário que os europeus precisam adquirir. O vetor inverte em relação ao totalizável inato europeu, que ao destino americano tensamente se deseja incorporar.

O grande cede lugar ao pequeno. Procedimento estético que Kafka vai chamar de literatura menor ou de minorias, visão que de modo semelhante

teve o escritor brasileiro João Antônio e que aparece numa entrevista concedida ao pesquisador italiano Giovanni Ricciardi:

Eu acho que nos temas mais simples, mais aparentemente arcaicos, pode haver uma profundidade muito grande e um significado universal muito grande. Não é preciso um grande tema para fazer uma boa literatura. Se tiver um grande tema, tanto melhor, mas o marginal, o leão de chácara, o sinuqueiro, o jogador de sinuca, o mendigo, podem ter momentos épicos. Acho que se um homem roubou um alimento no supermercado, é um momento épico da mais profunda poesia, é a própria luta pela sobrevivência! Não se sabe mais se aquele homem seja exatamente um bandido ou um ladrão ou se aquilo seja um ato poético. (1988, p. 267)

Literatura que promova um encontro com a vida, um corpo-a-corpo com ela, não deve, portanto, esquecer-se de suas singularidades territoriais mais próprias. Deve estar situada no próprio plano em que ela consiste, acompanhar seus processos de desterritorialização e reterritorialização, ser esse próprio acontecimento manifesto. Como a perspectiva que toma é a da própria vida, seu movimento deve funcionar em afirmação e construção dela mesma. Ora, a vida não é a matéria do escritor, nem ao menos a matriz que se mostra à imitação, mas o material e o imaterial de que a escrita é parte numa subjetivação construtiva.

O que João Antônio pretende não é transformar a realidade minoritária em que co-habita, mas exercer uma participação integral em sua constituição, já que essa nunca interrompe seu processo de criação – e seu único plano possível de atuação é a literatura ou o híbrido jornal-literatura.

Tal tarefa só é consistente o bastante quando se dispõe a atualizações constantes, quando posta em termos de existência concreta, de problematizações vividas e percebidas nos âmbitos onde se movimenta. Se o controle e a imobilização dos modos de viver, dentre os mais diversos fluxos capitalísticos, tornaram-se os produtos subjetivos predominantes na sociedade que vige e efeitos de um catastrófico drama urbanístico, é a reinvenção ou refinalização dos modos que devem orientar o portador da escrita. São as mentalidades no corpo do *socius* que devem flagrar sentidos libertos das programações que engendram o tom reativo e a qualidade negativa dos atuais encontros homem-vida, território-Terra.

//

João Antônio é o porta-voz das minorias pobres. Coexiste nelas em ato de radical passionalidade. Uma personagem sua não é a representação de uma pessoa ou um tipo; mas em si mesma a confluência de uma existência gregária: “a mistura de duas, três, quatro pessoas que eu conheço na vida real. (...) Eu vou fazendo uma síntese, um amálgama até ela estar pronta” (*apud*. RICCIARDI, 1988). Dessa forma surgem verdadeiros heróis urbanos, o signo de uma possível redenção ou a presentificação de uma liberdade só concretizável porque vivida numa condição sempre periférica e informal em relação ao mais efetivo maquinário da cidade. Parece-me ser a defesa ou a preservação do território em que se inscrevem esses modos de vida que objetiva o autor, quando mapeia aspectos da vida social da cidade do Rio de Janeiro na coluna do jornal *Última hora*, “Corpo-a-corpo”.

Seu projeto deixa entrever uma dupla articulação: a constituição da memória de algumas práticas populares de um Rio de Janeiro então recente e a atualização da perspectiva que abre a essas práticas no contexto de uma nova cidade, atraída pelas superficialidades do Consumo. O Carnaval (ou o Samba), o Jogo do Bicho e o Futebol são os temas predominantes, brincadeiras, jogos populares que insistentemente participam do retorno nostálgico de João Antônio ao tempo perdido. Parecem a seus olhos a manifestação mais plena da vibração de um coletivo, da convivência alegre e humilde das diferenças num plano cultural de traços tão múltiplos que constituem o Rio de Janeiro. Fenômenos como a Lapa, o ponto das conexões mais plurais.

Famosa pela boêmia, vida livre, rosário de cabarés, clubes de jogo, *blitzen* policiais, império, reinado e república da malandragem carioca, paraíso dos sabidos e calvário dos otários. (...) apenas entre 1910-15 é que se fez famosa como uma perdida da noite. Em 1929 atingiu o fastígio e até 1938 manteve um fio constante de loucura, reunindo e irmanando músicos populares, políticos, malandros, escritores, artistas, prostitutas, homossexuais e todas as variações de tipos que a elevaram, através da boca e pena de seus cantores e cronistas à condição de Pigalle dos pobres, sem dever grandes favores a matrizes francesas.

O Samba não é apenas o ritmo, a cadência, mas a singularidade de um encontro, acontecimento do morro, do asfalto, das gafieiras, das ruas, dos clássicos desfiles dos sócios do Bola-Preta, famoso clube carnavalesco fluminense. Não é apenas a poesia do “profeta” Nelson Cavaquinho, ou a voz de Ciro Monteiro e de Araci de Almeida, que o repórter evoca de um tempo recente, mas a exemplaridade das relações cultivadas por eles em seus *habitats*. Araci, a dama do Encantado – bairro da Zona Norte do Rio, onde viveu – especialmente, é um ponto norteador: é o exemplo do simples, do cuidado e, em termos de samba, a melhor voz, a melhor cadência. Valeu-lhe dupla homenagem: a publicação de partes integrais dos artigos do “Corpo-a-corpo” dedicados a ela em um livro cujo título já lhe é referência direta: *A Dama do Encantado* (1996). O Jogo do Bicho é o que João Antônio chama de a instituição mais honesta do país (aquela que efetivamente paga o ganhador), além de considerá-lo um alimento tornado já indispensável à parca esperança do pobre brasileiro. Do Futebol, pensa que seja um dispositivo lúdico à paixão, levada às últimas conseqüências, às pulsões mais fundas, animais.

O que reclama João Antônio é que tais encontros coletivos, Carnaval, Bicho e Futebol, sejam em seu efeito puro. Tirados do círculo que num momento os incorporou: o espírito de compra e venda, o desejo restrito à comercialização, o que não deve mais esconder motivos nucleares, como a abstração axiológica, a ausência de qualquer “vidência” da vida (poder ver-ouvir mais atentamente) que o ato restrito à compra-venda revela. Reclama o ato, a arte, apenas o devir dessas práticas. Agi-las já é o necessário.

Como esse escritor procede à presentificação dessas formas de encontro? Nostalgicamente. E nostalgia nesse escritor é um ataque, opõe-se à força que pretende destruir seu território. Pretende, às vezes, não ver-ouvir o processo em que o humano passa a consistir na nova configuração temporal de sociedade: um ritornelo de nomadismo intenso, de desnaturalização ou desencontros em qualquer forma de identidade permanente. O abandono do atual é um caminho de pesadume. Um per/discurso de insistência do restabelecimento da forma, da identidade grupal perdida, uma trajetória de negativas que acompanha denúncias, ou a enunciação pública da refragmentação violenta dos fragmentos populares e a destruição de sua memória visual. Vejam-se algumas amostras do “Corpo-a-corpo”:

25 de março de 1976, da inconsistência do novo Carnaval:

Ninguém reclama do Carnaval decadente de agora, exilado das ruas para dentro dos salões, um Sábado Gordo com menor movimento, que um sábado normal, as pessoas saindo nas ruas procurando ver alguma coisa e vendo só a cara ansiosa do vizinho. Afinal, todos saíram pra ver alguma coisa acontecer. Acontece bem pouco.

25 de março de 1976, da destruição promovida pelas obras do metrô:

O metrô atingiu o passado, derrubou, enfeiou, devassou – e nada colocou no lugar. Onde estão o Tabuleiro da Baiana, a Largo da Carioca, a Taberna da Glória, o Café do Lamas? A que está reduzida a Praça Paris, tida e havida por todos como a mais bela de quantas tinha a cidade e que um homem ilustre, Mário de Andrade, um dia chamou de sublime? E a Cinelândia, o que é hoje, à beira do maior buraco da cidade?

25 de março de 1976, do fim das gafieiras:

A proliferação de clubes pela cidade terá sido a causa da morte da gafieira como diversão do povo-povo. O crescimento da população, a conseqüente febre da construção civil e a valorização dos terrenos foram derrubando os casarões e os sobrados. As que sobreviveram se descaracterizaram: invadiram-nas os rapazes e moças da classe média em busca de divertimento pitoresco, cultura popular. E nenhuma delas é fiel a suas origens, como certificam e dão fé velhos boêmios, músicos e dançarinos. (...) Os saudosistas se lamentam, mas têm de aceitar que a vida mudou e a mentalidade também. A maneira de viver nas grandes cidades se transformou. O custo de vida encareceu, mas os duros, os lisos e sem dinheiro passaram a ser menos desabonados que os pobres da década de 40.

14 de abril de 1976, da morte da Lapa:

O último grande herói da Lapa foi o Cachorro Elefante. Nos primeiros dias de março de 1967, ele se estraçalhava entre os escombros de um desabamento na Rua dos Arcos, tentando salvar o seu dono, um imigrante espanhol, com trinta e alguns anos de Brasil. Com a morte de Elefante, vítima de sua fidelidade, de uma enchente e de um desabamento, se fechava o derradeiro capítulo heróico da história da Lapa.

A tarefa mais funcional na atualidade deve ser não meramente a restabelecimento das velhas formas, mas a restauração da mentalidade de construção artística, da criação da vida como obra de arte, uma disposição (projeto e intenção univocizados) que quer

re-singularizar as finalidades da atividade humana, fazê-la reconquistar o nomadismo existencial tão intenso quanto o dos índios da América pré-colombiana! Destacar-se, então, de um falso nomadismo que na realidade nos deixa no mesmo lugar, no vazio de uma modernidade exangue, para aceder às verdadeiras errâncias do desejo, às quais as verdadeiras desterritorializações técnico-científicas, urbanas, estéticas, maquínicas de todas as formas, nos incitam. (GUATTARI, 1992, p.170)

Isso não significa acompanhar o “Progresso”, essa idéia está absurdamente desentrelhada da experiência, do acontecimento. Comporta maneiras de viver que se comportam no sentido transmundano, querem o além do mundo, o adiamento ou anulamento da Vida. Escreveu Nietzsche (1995): “a mentira do ideal se torna a maldição suspensa acima da realidade”, criando uma humanidade viciada em valores inversos a dos de seu próprio florescimento.

É diferente: trata-se de um encontro com a vida, o que significa situar-se no todo em processo, colocar-se nos entremeios de qualquer opinião (há alternativas?), como num delírio artista inventivo, refabulador. Que vê-ouve produzindo vidência-audiência: movimento que “vibra as fibras da cidade”, como canta José Miguel Wisnik.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Deixa que eu conto*. São Paulo: Ática, 2003

ANTÔNIO, João. Inquérito: O romance. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 190-218, 1966.

ANTÔNIO, João. *Malhação do Judas carioca*: Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.

ANTÔNIO, João. *Casa de Loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ANTÔNIO, João. *Ô Copacabana!* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ANTÔNIO, João. *João Antônio*. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico crítico e exercícios João da Silva Ribeiro Neto. São Paulo: Abril Educação, 1981.

ANTÔNIO, João. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac & Naif Edições, 2001.

ANTÔNIO, João. *Dedo-Duro*. São Paulo/SP: Cosac & Naif, 2003.

ARTAUD, Antonin. *Escritos de Antonin Artaud*. Tradução Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983.

AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Faria de. *João Antônio: Repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002.

BARBOSA, João Alexandre. *A leitura do intervalo: ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

BARBOSA, João Alexandre. Prosa de uma consciência. IN: ANTÔNIO, João. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BORGES, Jorge Luis. *Os Conjurados*. São Paulo: Editora Três, 1985.

BRITO, José Domingos (Org.). *Por que escrevo?* São Paulo: Escrituras, 1999.

CANDIDO, Antonio. Ele descreveu as franjas escuras da vida. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p.3-6, 01 nov. 1996.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

CESAR, Ana Cristina. *Escritos no Rio*. Organização e prefácio Armando Freitas Filho, Rio de Janeiro/São Paulo: Brasiliense, UFRJ Editora, 1993.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*, São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. O Abecedário de Gilles Deleuze. *O estrangeiro*. Disponível em: <http://www.oestrangeiro.net/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=67#search=%22abeced%C3%A1rio%20de%20Gilles%22>. Acesso em 09 Jun. 2006.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DURIGAN, Jesus Antonio. João Antônio e a ciranda da malandragem. In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Sumus, 1987.

GUATTARI, Félix. *Caosmose, um novo paradigma estético*. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HOLLANDA, Heloísa B. *et al. Anos 70: Literatura*. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 1979-1980.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

HOHLFELDT, Antônio. *Prá lá de Bagdá*. In: ANTÔNIO, João. *Os melhores contos de João Antônio*. Seleção Antônio Hohlfeldt. São Paulo: Global, 1986.

LEAL, Carlos Eduardo. *Verbetes Biográfico: Última Hora*. FGV – CPDOC. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em 20 Abr. 2005.

LUCAS, Fábio. *Jacarandá e sua constelação de máscaras*. In: ANTÔNIO, João. *Um herói sem paradeiro: vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento*. São Paulo: Atual, 1993.

LINS, Daniel. *Antonin Artaud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Escolher e/é julgar*. In: _____ *et al. Cadernos do Colóquio/Letras*. nº.1, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982, p. 159-171.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Falência da crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Victor Civita, 1983a.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Vontade de Potência*. São Paulo: Victor Civita, 1983b.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A arte em "O nascimento da Tragédia"*. In: _____. *Obras Incompletas/Friedrich Nietzsche*. Tradução R. R. Torres Filho, 4ª ed., São Paulo: Nova Cultural, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral. Uma Polêmica*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce homo: Como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, 1995.

PAES, José Paulo. Ilustração e defesa do rancor. In: _____. *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Tradução Mário Quintana. Rio de Janeiro: Globo, s/d.

RICCIARDI, Giovanni. *Escrever: origem, manutenção, ideologia*. Bari: Libreria Universitária, 1988.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor As Batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000.

STEEN, Edla Van, *Viver e Escrever*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1981.

WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver: Memórias de um repórter*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

7. TODOS OS ARTIGOS

COLUNA:
PAULISTA ÀS QUARTAS

AUTOR DOS TEXTOS: João Antônio Ferreira Filho.

LOCAL DA PESQUISA: Arquivo João Antônio, UNESP/Assis.

PERÍODICO PESQUISADO: Jornal *Última Hora* em papel.

LOCAL DA PUBLICAÇÃO: São Paulo

TÍTULO LOCALIZADO: *Vejam, assim é esta praça*

DATA DO PERIÓDICO: 11/10/1967

Nessa híbrida crônica-conto, João Antônio narra situações gerais no decorrer de um domingo na Praça da República, em São Paulo. Ele apresenta os diversos tipos humanos que atravessam ou permanecem nesse “cenário” e suas ocupações no interior da praça, que variam de acordo com os momentos da manhã, da tarde e da noite. Grupos vários de uma “malandragem típica” que convivem com pedintes, que ali, muitas vezes, apenas descansam.

PALAVRAS-CHAVE: São Paulo, Praça da República, tipos humanos

TÍTULO LOCALIZADO: *Sorocabana, ai de nós*

DATA DO PERIÓDICO: 11/10/1967

Essa pequena narrativa em terceira pessoa acompanha o itinerário de um homem que, carregando sobre o ombro o filho de seis meses, trilha a linha de trem Sorocabana a partir de Osasco, com destino a São Paulo. Todos os assentos estão ocupados e o corredor, repleto de pessoas comprimidas por todos os cantos. Não há quem ceda ao pai um lugar. Não lhe dá qualquer atenção o picador de bilhetes que passa com total desprezo. Apenas lhe fita uma “mulata de carnes aproveitáveis” que murmura uma desaprovação pelo fato de o homem carregar aquele bebê em condições tais. Ao fim, todos saltam, ignorantes uns dos outros, e ele, caminhando sem qualquer graça.

PALAVRAS-CHAVE: São Paulo, Sorocabana, Passageiro

TÍTULO LOCALIZADO: *O público, o que quer?*

DATA DO PERIÓDICO: 11/10/1967

João Antônio narra três episódios em que assiste, em cinemas paulistanos, a três clássicos. Vê *Mônica e o Desejo*, de Bergman, *A Aventura*, de Antonioni, e

Blow Up, também de Antonioni. Ele critica o comportamento desatencioso do espectador de filmes nos salões de cinema. O autor, então mais “curtido e escaldado”, se pergunta: “Piorou a qualidade de Antonioni ou foi o meu ouvido que entortou?”

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Antonioni, Público

TÍTULO LOCALIZADO: *Esta Cidade Mudou*

DATA DO PERIÓDICO: 25/10/1967

Esta crônica pretende apresentar, sob a perspectiva de um “andarilho” *par excellence*, João Antônio, a outra São Paulo, a que mudou até aquele momento de 1967. Mudança que, segundo o autor, é mais interior, mais “no espírito”, no “tom”, do que exteriormente. A partir daí, João Antônio passa a mapear os tons positivos e os negativos dessa mudança, citando dezenas de bares, restaurantes, pontos de encontro, cantinas, teatros e os devidos efeitos do tempo sobre as práticas do paulistano nesses lugares. Finaliza percebendo a falta de frequência dos paulistanos nos espaços públicos: “Também é porque ainda não trouxeram o mar para São Paulo”.

PALAVRAS-CHAVE: São Paulo, Mudanças Sociais, Espaços Urbanos

TÍTULO LOCALIZADO: *O Que Se Fala*

DATA DO PERIÓDICO: 01/11/1967

Em *O Que Se Fala*, João Antônio simula o encontro de três nomes expressivos da imprensa brasileira, Sérgio da Corte, José Álvaro de Melo e Pedro Medeiro de Campos, num bar qualquer na orla de Ipanema ou Copacabana (“preferivelmente depois do Posto 6”). Discutem suas opiniões e desafetos com relação à São Paulo. A narrativa tem fim com uma estalada de dedos dirigida ao “garçã”, exigindo a próxima rodada de chope.

PALAVRAS-CHAVE: São Paulo, Espaços Urbanos, Jornalismo

TÍTULO LOCALIZADO: *O Garçã, Esse Rei*

DATA DO PERIÓDICO: 08/11/1967

Num primeiro momento dessa crônica, João Antônio apresenta o protótipo de um bom “garçã. Evidencia seus tratos de delicadeza, perspicácia quanto às poucas palavras trocadas com o freguês, a boa intenção subentendida nos seus aconselhamentos quanto ao prato do dia. A crônica conclui com alguns “conselinhos” a freqüentadores de restaurantes: como o de que se deve aproximar amistosamente, mesmo que à revelia da própria vontade, desse profissional, através de uma “boa conversinha”, uma gorjeta “encorpada” e uma atitude acorde com as preferências futebolísticas desse possível “trapaceiro”.

PALAVRAS-CHAVE: Garçon, São Paulo, Espaços Urbanos

TÍTULO LOCALIZADO: *Este foi Sergio Milliet*

DATA DO PERIÓDICO: 22/11/1967

João Antônio elogia nessa crônica um importante nome da literária brasileira ou, em específico, a paulistana: o cronista, poeta, tradutor, crítico Sergio Milliet, falecido em novembro de 1966. O percurso desse rememoração apaixonado do autor envia-lhe a diversas ocasiões. Àquelas que revelam o afeto incondicional de Sergio Milliet pelos amigos e artistas mais pobres. A outras, suas andanças pela “cinzência” paulistana, que revelam sua simplicidade boêmia. Também, as que traduzem sua paixão pela literatura e o reconhecimento por parte de literatos de sua época, como Mário de Andrade, Drummond e Bandeira.

PALAVRAS-CHAVE: Biografia, Sergio Milliet, Literatura,

TÍTULO LOCALIZADO: *Boca do Lixo, Essa Mentira*

DATA DO PERIÓDICO: 29/11/1967

Nessa crônica, João Antônio decreta a morte do “Boca do Lixo”, designação empregada a certas ruas do centro de São Paulo que, segundo o autor, durante os anos de 1957 e 1958, funcionou como um reduto de “bordéis, inferninhos, onde basbaques, otários, polícia e malandros se amontoavam” ou, como define reiteradamente, um território livre para a baixa malandragem. O cronista pretende desmistificar uma idéia geral, que considera equívoca, da localização da famigerada “Boca” ou “Lixão”:

PALAVRAS-CHAVE: Boca-do-Lixo, Espaços Urbanos, São Paulo

TÍTULO LOCALIZADO: *As Conversas São Outras*

DATA DO PERIÓDICO: 06/12/1967

O autor reitera nessa crônica a idéia de que São Paulo tenha mudado profundamente durante os três anos “ou menos” até esse texto. Enumera, portanto, diversas transformações geográficas, morais, vocabulares etc que, a partir de sua perspectiva, compreendem essa mudança. Num outro momento, João Antônio comenta o fenômeno do aparecimento de novas gírias ou novas formas de fala, variantes dos tipos paulistanos (bancários, camelôs, engraxates, “crioulos”...).

PALAVRAS-CHAVE: São Paulo, Mudança, Linguagem

TÍTULO LOCALIZADO: *Essas Meninas da Noite*

DATA DO PERIÓDICO: ?

Essa crônica pretende fazer crítica social. Começa com uma bela descrição da mudança no comportamento dos paulistanos quando o dia transita do lusco-fusco à noite e à madrugada. Pessoas esgotadas na velocidade das coisas da metrópole e, finalmente, a população noturna da cidade. Nesse ponto, João

Antônio categoriza dois grupos: os trabalhadores e os consumidores, os que “agüentam” e os que “freqüentam”. Dentre os últimos, evidencia os malandros que, segundo ele, no caso de São Paulo, fosse melhor conhecê-los como “viradores”, “cavadores”.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Social, São Paulo, Prostituição Infantil

TÍTULO LOCALIZADO: *Psico... Delico...*

DATA DO PERIÓDICO: 22/12/1967

Criação narrativa de João Antônio. Esse conto nos traz a trajetória de uma personagem, José da Silva, um publicitário que percorre os bairros de São Paulo, na noite em que se comemora o Natal cristão.

PALAVRAS-CHAVE: Natal, São Paulo, Sociedade

TÍTULO LOCALIZADO: *68 Será Assim*

DATA DO PERIÓDICO: 29/12/1967

João Antônio comenta ironicamente o tom otimista da astrologia em relação ao novo ano, 1968, considerando ser esse o objeto de maior leitura de nossa civilização. Descreve as recomendações dos astrólogos e as sortes dos diversos tipos de signos para o decorrer do ano. Em contraponto, apresenta suas "previsões" da situação política e econômica brasileira, reconhecendo em sua análise um fenômeno de "ascensão" no processo dos acontecimentos: como por exemplo, o aumento do preço dos derivados do petróleo, do café, do cigarro, dos imóveis, de artigos que considera supérfluos etc.

PALAVRAS-CHAVE: Economia, Astrologia, Ano de 1968.

COLUNA:
ACONTECE O SEGUINTE

AUTOR DOS TEXTOS: João Antônio Ferreira Filho.

LOCAL DA PESQUISA: Arquivo João Antônio, UNESP/Assis.

PERIÓDICO PESQUISADO: Jornal *Última Hora* em papel.

LOCAL DA PUBLICAÇÃO: São Paulo

TÍTULO LOCALIZADO: *A Farsa de Chico*

DATA DO PERIÓDICO: xx/01/1968

João Antônio faz, nesse texto, referência à última obra de Chico Buarque daquele tempo: a farsa *Roda Viva*. Comenta seu tema principal, a crítica da formação de ídolos televisivos, inspirados nos cantores da Jovem Guarda. Elogia a forma como Chico cria os tipos mais diversos que compõe o *backstage* dessa indústria: empresários, picaretas, publicitários etc e como percebe “toda a engrenagem da mistificação das grandes massas”. O repórter não deixa de citar os artistas que participam da peça, como o diretor José Celso Martinez Correia.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro, Farsa, Chico Buarque

TÍTULO LOCALIZADO: *Magra é Melhor*

DATA DO PERIÓDICO: xx/01/1968

Aqui, João Antônio anuncia uma nova obra cinematográfica da “geração dos homens zangados”: *Bebel, Garota Propaganda*, filme de Maurice Capovilla, baseado no romance *Bebel, Que a Cidade Comeu, e Seus Companheiros*, de Ignácio Loyola. Descreve o núcleo central da trama: uma jovem, lançando-se no universo da moda, objetivando alcançar o estrelato, um espaço de consagração na TV, “tudo que de sórdido esse mundo apresenta”.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Maurice Capovilla, Modelos

TÍTULO LOCALIZADO: *O Júri Terá Tempo*

DATA DO PERIÓDICO: xx/01/1968

Nesse texto, João Antônio expõe sua crítica aos Prêmios Literários de seu tempo. Em princípio cita um episódio inédito na história dos *Prêmios Jabuti* em que “um jovem autor” recebe duas premiações: Revelação de Autor e Melhor Livro de Contos. Apenas objeta o fato de nesse não participar nenhuma quantia

em dinheiro. Cita alguns prêmios mais “generosos”: o *Fábio Prado*, *Clube do Livro*, *Walmap*, o *Prêmio de Brasília*. Enfim, anuncia uma competição literária em andamento: o Concurso Nacional de Contos da Fundação Educacional do Estado do Paraná (FUNDEPAR).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Prêmio Literário, Concurso de Contos

TÍTULO LOCALIZADO: *Na Onda Psicodélica*

DATA DO PERIÓDICO: xx/01/1968

Esse texto aborda o tema dos modismos culturais, o que inclui a esfera comercial, seu estratégico poder de persuasão e a incorporação e padronização de produtos na vida dos brasileiros daquele tempo. João Antônio introduz essa crítica argumentando que essa realidade era antes fato apenas do cotidiano feminino: caso das mini-saias e seu papel na liberação feminina. Cita outros casos através dos anos, como o LSD na vida dos jovens, transformado em “modus vivendi”, a marca *Calhambeque*, referente à popular Jovem Guarda e, por fim, a “psicodelia” que invadiu o mundo dos homens, com seus modelos de roupa coloridos e rebeldes. A esse último, é atribuída, num parágrafo entre aspas, a contribuição dos homossexuais. No último parágrafo, o autor afirma o fato de que as vozes reacionárias, contrárias a tais efemeridades, são geralmente vencidas pelo costume e pelo tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Moda, Consumo, Psicodelia

TÍTULO LOCALIZADO: *A Idade Sem Razão*

DATA DO PERIÓDICO: xx/01/1968

Esse texto sintetiza teses correspondentes aos estágios do desenvolvimento humano, desde o nascimento à adolescência. O autor apenas cita dois dentre os cientistas que desenvolveram tais generalidades do comportamento humano: Mucchiell e Freud. Descreve as diversas fases desse

processo: a primeira, da identificação exclusiva com a mãe, a fase de heroicização do pai, a crise edipiana, a idade da razão, quando a criança passa a freqüentar grupos e, finalmente, a fase da puberdade em que o indivíduo adolescente “descobre” a interioridade, o narcisismo e se aparta dos modelos paternos e maternos: “aquilo que os pais mais desavisados chamam de idade dos péssimos costumes.”

PALAVRAS-CHAVE: Estágios do Desenvolvimento, Psicanálise, Ser Humano

TÍTULO LOCALIZADO: *A Rebeldia Imitada*

DATA DO PERIÓDICO: 04/02/1968

Nessa crônica, João Antônio desenvolve um rápido e despretensioso histórico da rebeldia política do jovem, considerando-a fenômeno de procedência recente: a Revolução Francesa, quando o homem passa a “julgar-se senhor absoluto do seu destino”. O autor cita casos em que essa rebeldia estabeleceu-se de forma coerente nas artes, como aconteceu após 1918, com a resistência de escritores como Hemingway e Kafka aos ideais de patriotismo e ordem social. Caminhando a um quadro mais atual e brasileiro, João Antônio vê uma juventude cuja potencialidade de rebelião não passa de miniatura, senão uma mera e enfraquecida imitação das formas francesas e americanas.

PALAVRAS-CHAVE: Política, Rebeldia, Artes

TÍTULO LOCALIZADO: *O Autor a Ver Navios*

DATA DO PERIÓDICO: 04/02/1968

Em *O Autor a Ver Navios*, João Antônio encara de forma pessimista o Anteprojeto do Direito do Autor e Direitos Conexos, proposta governamental que se diz basear no “melhor e mais avançado Direito do Autor da Europa e dos Estados Unidos”. Segundo o autor, o tal não se ajusta à realidade brasileira, em que não há qualquer esforço mais preciso que torne possível a profissionalização e a independência do homem das letras. O Anteprojeto, apesar de propor um

aumento na quota dos direitos autorais, se omite quanto a práticas de estabelecimento e institucionalização das artes no Brasil, deixando-as “livres” para se constituírem por si só. A única posição afirmativa do autor em relação às propostas do governo diz respeito ao estabelecimento de um prazo mínimo para que o editor preste contas junto ao escritor do livro. O cronista também observa o fato de se ter posto de lado questões envolvendo jornalistas e autores de radiodifusão e televisão. Quanto aos autores de artigos, crônicas, reportagens, ficam totalmente à mercê das transcrições à revelia de seus textos e da incompetência do órgão público destinado à fiscalização dessas práticas, a CONDAC.

PALAVRAS-CHAVE: Direito, Autor, Anteprojeto

TÍTULO LOCALIZADO: *O Maior Carnaval*

DATA DO PERIÓDICO: 04/02/1968

Nessa pequena reportagem, João Antônio anuncia a possibilidade de recuperação do Carnaval paulistano que, segundo ele, contará com uma planificação racionalizada feita pela Prefeitura e a participação direta da Secretaria do Turismo. Em seguida, João Antônio contrapõe à realidade reformadora do Carnaval paulistano, o brilho da festa carioca e a afirma como sendo o maior do mundo. Cita, por fim, algumas entidades tidas como presenças fundamentais da festa popular, como o “Bloco da Onça” e o “Caciques de Ramos” e os nomes que apresenta como novidades para o Carnaval de 1968, Emilinha Borba e Zé Kéti.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval, São Paulo, Rio de Janeiro.

TÍTULO LOCALIZADO: *Gangster, Mas Muito Delicada*

DATA DO PERIÓDICO: 04/02/1968

Aqui, o autor reporta uma novidade dos círculos da moda, o estilo “gangster”, que alcançaria o Brasil apenas no ano seguinte, fora da época de sua mais intensa propagação. Descreve seus traços gerais, sua utilização de “écharpes” e gravatas, “uma autêntica guinada aos anos 20 e trinta”. Atenua sua variedade e motivos *art nouveau*, assim como suas cores predominantes.

PALAVRAS-CHAVE: Moda, Gangster, Feminino

TÍTULO LOCALIZADO: *Bebel, Garota do Amor*

DATA DO PERIÓDICO: 11/02/1968

João Antônio faz, aqui, uma apresentação do livro *Bebel Que a Cidade Comeu*, de Ignácio de Loyola, descrevendo de forma aforística os traços mais gerais de três das personagens do romance: a protagonista Bebel, Bernardo e Marcelo. Os três apresentam um mecanismo comum: o desejo de reafirmar um determinado ideal (movimento ascendente) e a constatação de sua impossibilidade no seio da urbanidade (movimento decadente).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Ignácio de Loyola Brandão, Urbano

TÍTULO LOCALIZADO: *Correio Sem Estafeta*

DATA DO PERIÓDICO: 11/02/1968

João Antônio reporta aqui a sua crítica ao arcaísmo das práticas das empresas de correio brasileiras, a lentidão no processo de reenvio das correspondências, assim como a dispendiosidade do quadro de seus funcionários. Avalia essa realidade a partir de sua percepção da deficiência das redes de transporte brasileiro aliada à falta de qualificação dos profissionais dessas empresas. Reflete, por fim, a esterilidade dos meios de imprensa que propagam uma idéia absolutamente afirmativa dessas empresas, ao contrário de como elas concretamente se apresentam.

PALAVRAS-CHAVE: Serviços, Empresas de Correio, Realidade Brasileira

TÍTULO LOCALIZADO: *Uma Rússia Jovem*

DATA DO PERIÓDICO: 11/02/1968

Em poucos parágrafos, João Antônio comenta nessa reportagem o I Festival Internacional de Canções Juvenis, ocorrido em Lótchi, na costa soviética, em outubro de 67. Uma “multiplicidade de características artísticas” que agregou jovens de diversos países e efetivou uma lírica possível de aprofundar as sensibilidades diante do próprio “espetáculo da vida”, segundo diz. Mesmo o conservadorismo cristalizado de “velhos” ficou enfraquecido diante de tamanha exposição juvenil.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Rússia, Juventude

TÍTULO LOCALIZADO: *Sagrada É A Noite*

DATA DO PERIÓDICO: 11/02/1968

Essa reportagem comenta a reação da boemia, proprietários de boates, bares e botequins e demais freqüentadores da noite, diante da fixação de um horário de fechamento desses estabelecimentos noturnos através de um decreto do governo da Guanabara. João Antônio dá voz às várias perspectivas em defesa da “madrugada”, algumas que apontam para saídas menos radicais, como a ampliação dos serviços de policiamento, ou o isolamento de som. Segundo o repórter, o governo não ignorou a voz dos cariocas e tratou de amenizar sua posição, propondo estender, mesmo que minimamente, o horário pré-fixado.

PALAVRAS-CHAVE: Serviços, Noite, Decreto Municipal

TÍTULO LOCALIZADO: *Meneghetti Ataca Aos Noventa*

DATA DO PERIÓDICO: 11/02/1968

Nessa pequena reportagem policial, João Antônio apresenta um caso particular e raro no universo dos crimes e castigos.: Gino Hamleto Meneghetti que, depois de já haver causado transtornos ao sossego público durante mais de meio século, encontrando-se com 90 anos, fora preso durante um assalto em uma residência paulistana. O autor comenta as potencialidades desse homem idoso, que ainda tentara empreender uma fuga clássica pelos telhados de edifícios. Também avalia a atitude das notas policiais acerca do aprisionamento de Meneghetti, à parte de se questionar as condições de um homem com essa idade, incapaz pra qualquer atividade remuneradora.

PALAVRAS-CHAVE: Crime, Meneghetti,

TÍTULO LOCALIZADO: *Jamais a Guerra*

DATA DO PERIÓDICO: 18/02/1968

Nesse texto, o autor apresenta alguns traços da trajetória de uma cantora e militante do Instituto para Estudos da Não-Violência, a californiana Joan Baez, presa em 1967 por manifestar-se contrariamente ao recrutamento militar à guerra do Vietnam. João Antônio evidencia sua popularidade, dado que a coloca dentre os ídolos políticos mais célebres em nossos tempos, sua generosidade em dispor de sua arte em função de movimentos de entidades estudantis, e a rebeldia de seus atos anti-bélicos. Conclui a reportagem citando trechos ditos pela cantora que revelam sua total aversão às praticas de guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Joan Baez, Música, Não-Guerra

TÍTULO LOCALIZADO: *Este Calor É Fogo*

DATA DO PERIÓDICO: 18/02/1968

João Antônio, aqui, fala das altas temperaturas que atingem o verão paulistano. Aponta algumas instituições de saúde onde os cuidados contra a

desidratação, em especial a infantil, têm suas atenções multiplicadas. Segundo o autor, trata-se de uma medida preventiva, visto que o número de vítimas não é tão assustador. Conclui repetindo as tradicionais precauções domésticas de prevenção contra tais efeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde, Desidratação, Cuidados

TÍTULO LOCALIZADO: *Aventuras de Uma Mulher*

DATA DO PERIÓDICO: 18/02/1968

Abre essa reportagem um questionamento a respeito das práticas de emancipação da mulher no Brasil em relação aos Estados Unidos. O autor considera o ano de 1968 o momento em que isso passa a ser levado a sério pelas mulheres brasileiras, ao contrário dos Estados Unidos, em que essa luta já se tem manifestado desde 1930. João Antônio, portanto, anuncia o lançamento de *Diz-me Com Quem Andas*, de Mary McCarthy que, segundo diz, é “grande pintora (de fora e de dentro) dos problemas femininos atuais”. Esse livro trataria das principais questões de emancipação feminina envolvendo a sociedade americana da década de 30, “num tom carregadamente autobiográfico”, o que, segundo o autor, informaria mais fundamentalmente que as habituais mediocridades do cinema hollywoodiano.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo, Literatura Norte-Americana, Mary McCarthy

TÍTULO LOCALIZADO: *Brincando, brincando, nós chegamos aqui*

DATA DO PERIÓDICO: 25/02/1968

João Antônio desenvolve rápido histórico do carnaval brasileiros, dos brinquedos mais diversos utilizados nessa festa desde os entrudos portugueses. Mostra como bisnagas d'água, limões de cheiro etc, deram lugar ao lança-perfume que, nas décadas de 20 e 30 se evidencia fortemente.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval, Brinquedos, História

TÍTULO LOCALIZADO: *Juventude Sem Letras*

DATA DO PERIÓDICO: 07/03/1968

Aqui, João Antônio faz crítica à escassez na divulgação dos então jovens escritores brasileiros. Cita o livro “Gente Nova, Nova Gente”, de Fernando de Castro Ferro, que apresenta, segundo ele, a falha de se esquecer dos escritores ao abranger a juventude artística do país.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Contemporânea, jovens escritores, divulgação

TÍTULO LOCALIZADO: *Canção é Lucro Certo*

DATA DO PERIÓDICO: 17/03/1968

O repórter anuncia um festival da canção europeu em vésperas de se realizar na cidade de Londres e ser transmitido para toda a Europa pela BBC-TV.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Canção, Londres

TÍTULO LOCALIZADO: *História de um Tabu*

DATA DO PERIÓDICO: 17/03/1968

Nesse texto, João Antônio fala da prostituição feminina, da extinção das chamadas zonas de meretrício – pelo menos nas maiores cidades -, da modernização desse tipo de profissão. Indica a obra do alemão Lujó Basserman, “A História da Prostituição”, como sendo uma interpretação de alto nível desse tema.

PALAVRAS-CHAVE: Prostituição, Modernização, Interpretação

TÍTULO LOCALIZADO: *Esta gente quer estudar*

DATA DO PERIÓDICO: 07/03/1968

João Antônio comenta uma manifestação política realizada por alunos excedentes da USP. Faz crítica à redução de recursos públicos do Ministério da Educação, quanto à manutenção das universidades e diz da necessidade de remanejamento no sistema econômico.

PALAVRAS-CHAVE: Universidades, Excedentes, Economia

TÍTULO LOCALIZADO: *Visões do ano 2 mil*

DATA DO PERIÓDICO: 17/03/1968

Aqui, João Antônio apresenta a perspectiva de dois cientistas, Bentley Cass e Vladimir Efroimson, quanto à chegada do ano 2000. Segundo esses, o ano viria a representar avanços tecnológicos incríveis no campo da genética, no desenvolvimento dos estudos sobre longevidade humana etc. Salientam, porém, a necessidade de se atentar aos princípios éticos, em seus fundamentos “firmes e incorruptíveis”.

PALAVRAS-CHAVE: Ano 2000, Tecnologia, Ética

TÍTULO LOCALIZADO: *Kusnet cá entre nós*

DATA DO PERIÓDICO: 17/03/1968

O autor descreve a trajetória teatral de Eugenio Kusnet, desde sua saída da Estônia e da Letônia, países onde desenvolvia sua arte, em total diálogo com o estilo russo, à sua filiação mais integral ao teatro brasileiro. Também, oferece informações sobre sua prática, da qual participaram Gianfrancesco Guarnieri, Ziembinski, José Celso Martinez Correa, e que se baseou fundamente na técnica de Stanislavski.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro Brasileiro, Eugenio Kusnet, Stanislawski

TÍTULO LOCALIZADO: *Crime solto e polícia doente*

DATA DO PERIÓDICO: 24/03/1968

Nessa reportagem, João Antônio cita algumas ocorrências policiais da cidade de Niterói e de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, sob a condição deficiente da segurança civil na região.

PALAVRAS-CHAVE: Segurança, Crime, Rio de Janeiro

TÍTULO LOCALIZADO: *Preciosidade da Semana de Arte*

DATA DO PERIÓDICO: 24/03/1968

Essa reportagem faz alusão a um caderno encontrado por Mário da Silva Brito, cujo conteúdo revela uma série de textos relacionados a escritores do Modernismo brasileiro. Trata-se de “O Perfeito Cozinheiro das Almas... Deste Mundo”, um diário composto por Oswald de Andrade e alguns amigos, que une uma diversidade de escritos, dentre charges, colagens, caricaturas etc.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Modernismo, Oswald de Andrade

TÍTULO LOCALIZADO: *Uma casa sem televisor*

DATA DO PERIÓDICO: 24/03/1968

Trata-se de uma crítica à maneira superficial e essencialmente comercial dos programas de TV. Acompanha uma micro-narrativa, em que uma mulher recebe a visita de um animador de TV e o despede por desconhecer sua fama. Antes, deixa-o embaraçado e afirma não ter um televisor por pensá-lo desnecessário.

PALAVRAS-CHAVE: Televisão, Crítica, Comércio

TÍTULO LOCALIZADO: *Aventuras de Uma Mulher*

DATA DO PERIÓDICO: 18/02/1968

Ilustrando sua reflexão sobre a ausência de cooperação entre os escritores brasileiros com a fábula “A Assembléia dos Ratos” de Monteiro Lobato. Critica a postura negativa desses frente às únicas intuições de divulgação da arte literária no Brasil, como os concursos, por exemplo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, cooperação, Monteiro Lobato

TÍTULO LOCALIZADO: *Vergonha Social*

DATA DO PERIÓDICO: 24/03/1968

Essa reportagem faz crítica ao serviço prestado pelos assistentes sociais no Brasil que, segundo o autor, promove a distinção de classes sociais nos atendimentos, assim dando as costas aos que necessariamente devem ser assistidos.

PALAVRAS-CHAVE: Assistência Social, classes sociais, exclusão

TÍTULO LOCALIZADO: *Bebel em 407 páginas*

DATA DO PERIÓDICO: 31/03/1968

O repórter volta a falar sobre o livro de Ignácio Loyola Brandão, “Bebel que a cidade comeu”, numa espécie de defesa do gênero romance. Afirma a vivacidade que esse tipo literário ainda mantém na América, em contraponto a sua derrocada na Europa. Segundo ele, o livro de Ignácio Loyola corresponde a uma grande vitória do romance nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira contemporânea, Ignácio Loyola Brandão, romance.

TÍTULO LOCALIZADO: *O super-poder do homem*

DATA DO PERIÓDICO: 31/03/1968

João Antônio, aqui, divulga o livro “Os Segredos do Subconsciente”, apesar de não fornecer o nome do seu autor. O livro, segundo ele, tematiza assuntos como telepatia, clarividência, tele-visão dentre outros fenômenos parapsicológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Paranormalidade, poder humano, subconsciente

TÍTULO LOCALIZADO: *Primeiro de abril sem Cruzeiro Novo*

DATA DO PERIÓDICO: 31/03/1968

Nesse texto, João Antônio anuncia a cunhagem de novas moedas de Cruzeiro Novo, em cupro-níquel, que passaria a circular a partir do primeiro de abril.

PALAVRAS-CHAVE: Economia brasileira, Moeda, Cruzeiro Novo

TÍTULO LOCALIZADO: *Um herói volta à carga*

DATA DO PERIÓDICO: 31/03/1968

O repórter comenta um caso de heroísmo envolvendo o cão policial Never, atingido por um tiro durante uma abordagem policial. Recuperado, mostra-se, então, preparado para retornar às atividades públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Segurança pública, cão policial, heroísmo

TÍTULO LOCALIZADO: *Este é Zimba*

DATA DO PERIÓDICO: 07/04/1968

Trata-se de uma entrevista com o diretor de teatro Ziembisnki. O artista conta suas experiências com o teatro brasileiro e considera os seguintes aspectos: a insuficiência de escritores de teatro brasileiro de modo cristalizado, a inconsistência de uma escritura ou prática teatral diretamente política e seu otimismo quanto restabelecimento do então teatro contemporâneo “do ponto de vista da limpeza de tendências políticas.”

PALAVRAS-CHAVE: Segurança pública, cão policial, heroísmo

TÍTULO LOCALIZADO: *Este é Agenor, um desenhista*

DATA DO PERIÓDICO: 14/04/1968

Como o título enuncia, a reportagem consiste na apresentação do artista Agenor Conceição da Silva. Desenhista classificado como surrealista, desenha segundo a imagem de seus sonhos. Não tendo assimilado sua arte através de escolas de desenho, diz ele não ter incorporado nenhuma técnica específica. Tipo comum, conforme João Antônio diz, expõe e vende sua arte pela São Paulo, o que tem “dado para casa e comida”.

PALAVRAS-CHAVE: Artes Plásticas, Desenho, Agenor Conceição da Silva

TÍTULO LOCALIZADO: *Solano e o treze de maio*

DATA DO PERIÓDICO: 14/04/1968

Aqui, é João Antônio num elogio à trajetória artística de Solano Trindade, que inclui a recuperação de práticas culturais esquecidas da tradição brasileira.

Recomenda a exposição aberta, localizada no Embu, em São Paulo, que conta com a arte de Solano e uma diversa culinária nacional.

PALAVRAS-CHAVE: São Paulo, Cultura brasileira, Culinária,

TÍTULO LOCALIZADO: *Literatura Brasileira*

DATA DO PERIÓDICO: 14/04/1968

Esse texto dialoga duas idéias: a precariedade da divulgação da literatura contemporânea através de suplementos, periódicos etc e, a afirmativa, a então recente publicação do livro “Literatura Brasileira em Curso”, de Dirce Riedel, Carlos Lemos, Ivo Barbieri e Therezinha Castro que, segundo João Antônio, surge para modificar o curso que as letras brasileiras vinham tomando, a saber, de modo fragmentado e subvalorizado.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica, Literatura brasileira contemporânea, divulgação,

TÍTULO LOCALIZADO: *Vozes de 22*

DATA DO PERIÓDICO: 14/04/1968

Esse texto pretende divulgar o lançamento da Segunda edição do livro “Poesia da Modernidade”, de Mário da Silva Brito, considerado por João Antônio obra de grande valor informativo e didático.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica, Literatura brasileira, Modernismo

TÍTULO LOCALIZADO: *Um chute na vida*

DATA DO PERIÓDICO: 21/04/1968

João Antônio narra um episódio envolvendo o cronista Armando Nogueira, nome presente na coletânea de escritos “Literatura em Curso”. Acostumado a

escrever sobre futebol, certa vez é desafiado por Clarice Lispector a “perder o pudor” e falar sobre a vida. Nasce, porém, uma nova crônica futebolística que, segundo João Antônio, é um perfeito testemunho de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira contemporânea, Clarice Lispector, Armando Nogueira.

TÍTULO LOCALIZADO: *Gorki, cá entre nós*

DATA DO PERIÓDICO: 21/04/1968

Trata-se de um texto em memória do escritor russo Maximo Gorki, em razão do centenário de seu nascimento, no mês de março que precede esse artigo. Aqui, João Antônio reflete o fato de um escritor sem formação técnica ter sido capaz de, tão originalmente, desenvolver uma obra revolucionária, anti-burguesa e sem os tais reducionismos panfletários.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura russa, Maximo Gorki, política

TÍTULO LOCALIZADO: *Negrinha está viva*

DATA DO PERIÓDICO: 21/04/1968

Nesse artigo, João Antônio divulga a reedição de “Negrinha”, de Monteiro Lobato, pela Editora Brasiliense. Seu comentário gravita em torno do tema do racismo brasileiro, de que “Negrinha” seria uma forte abordagem.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Monteiro Lobato, racismo

TÍTULO LOCALIZADO: *Sammy e o racismo*

DATA DO PERIÓDICO: 21/04/1968

Esse artigo fala do lançamento do livro “Sim, Eu Posso”, memórias de Sammy Davis Jr., *showman* negro, norte-americano. O livro pretende ser um testemunho da crueldade sofrida pelos negros nos Estados Unidos, como também de um exemplo raro, que é o de seu autor, após haver superado essas circunstâncias negativas e se estabelecido na esfera *business* norte americana.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia, racismo, show-business

TÍTULO LOCALIZADO: *Quanto mais cedo, melhor*

DATA DO PERIÓDICO: 28/04/1968

O artigo comenta constatações de um doutor especializado em Educação Infantil, Burton White. Segundo ele, crianças devem ser submetidas às instruções mais básicas antes mesmo dos dois anos de idade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Burton White, Infância

TÍTULO LOCALIZADO: *Um candidato de bicicleta*

DATA DO PERIÓDICO: 28/04/1968

Esse artigo reporta um caso de envenenamento ocorrido com o candidato à presidência do Equador, Eusebio Macias Suarez. Apoiado por estudantes universitários, teria sido vítima de opositoristas de extrema esquerda.

PALAVRAS-CHAVE: Política, Equador, Universidade

TÍTULO LOCALIZADO: *Um homem está na moda*

DATA DO PERIÓDICO: 28/04/1968

Aqui, João Antônio descreve brevemente a trajetória artística de um ator americano então bastante evidente: Warren Beatty, cujo triunfo se deveu à sua

ousada produção e atuação durante a filmagem de “Bonnie & Clyde”, dirigido por Arthur Penn.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Warren Beaty, produção

TÍTULO LOCALIZADO: *Pelé no Egito*

DATA DO PERIÓDICO: 24/04/1968

Aqui, João Antônio comenta uma entrevista de Pelé a um jornalista egípcio, Abdel Maguid Naaman, em virtude de seu octogentésimo gol, marcado em seu país. Em seguida, reproduz boa parte das falas do atleta, que correspondem à narração de alguns de seus gols e de estratégias de jogo.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte Brasileiro, Egito, Pelé

TÍTULO LOCALIZADO: *Cozinha russa hoje*

DATA DO PERIÓDICO: 05/05/1968

Fala-se aqui das influências que formaram a cozinha russa: pratos franceses, introduzidos por Catarina, a Grande (1762 a 1792), italianos (compostos de sorvetes e pastéis finos), holandeses e seus legumes e bolos de mel com especiarias, influências persas e turcas que incluem variedades de espetinhos, além da polonesa (sopa borsch) e escandinava (coquetéis acompanhados de salgadinhos).

PALAVRAS-CHAVE: Rússia, Culinária, influências

TÍTULO LOCALIZADO: *Os assaltos e as bombas*

DATA DO PERIÓDICO: 18/02/1968

João Antônio comenta as várias ocorrências de assaltos e bombas em bancos da capital paulista que, segundo o secretário de segurança Hely Lopes

Meireles, seriam contidas a partir da efetivação de um curso especializado para militares, que incluiria a prática de desativação de explosivos.

PALAVRAS-CHAVE: Segurança pública, assalto a bancos, esplosivos

TÍTULO LOCALIZADO: *A morte no xarope*

DATA DO PERIÓDICO: 05/05/1968

Segundo o repórter, o século XX foi século dos estimulantes, tranqüilizantes, euforizantes e psicotrópicos. A partir disso, narra o caso de uma mulher, moradora de um bairro londrino que, ao ingerir em excesso um xarope chamado Easton, tem um colapso apoplético e morre.

PALAVRAS-CHAVE: Auto-medicação, envenenamento, xarope Easton

TÍTULO LOCALIZADO: *Marat/Sade cá entre nós*

DATA DO PERIÓDICO: 05/05/1968

O repórter fala de Peter Weiss. De como esse teatrólogo se transmuta quando escreve, de como o teatro o toma totalmente no momento da criação, tornando-o um de seus personagens. Cita duas de suas obras: “Marat/Sade”, considerada terrível, no sentido trágico do termo, e “The Investigation”, até então sua mais recente obra.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Alemã, Teatro, Peter Weiss

TÍTULO LOCALIZADO: *Godard, um homem na pauta*

DATA DO PERIÓDICO: 12/05/1968

Trata-se de um texto de louvor dedicado ao cineasta francês Jean-Luc Godard. Rebate algumas críticas que o enxergam como pretensioso e confuso. Recebe sua então recente obra “A Chinesa” como uma forte reflexão sobre os rumos políticos, sociais humanos do mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica, Cinema francês, Jean-Luc Godard

TÍTULO LOCALIZADO: *Suécia, amor até na cadeia*

DATA DO PERIÓDICO: 12/05/1968

João Antônio anuncia o lançamento da tradução brasileira de um livro sueco, “Minorias eróticas”, realizada por Fausto Cunha. Segundo diz o repórter, o livro encara a problemática dos “desviados” sexuais e sugere outra e radical maneira de pensar as sexualidades. João Antônio também cita uma prática comum de certas penitenciárias suecas: a permissão para que os presos recebam suas parceiras e tenham uma vida sexual em verdadeiras e líricas “celas do amor”.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema carcerário, sexualidade, Suécia

TÍTULO LOCALIZADO: *Este mês é de casamento*

DATA DO PERIÓDICO: 12/05/1968

Nessa reportagem, João Antônio enumera a maioria dos custos considerados básicos do casamento, desde as mobílias aos eletrodomésticos.

PALAVRAS-CHAVE: Mês de maio, Casamento, Economia doméstica

TÍTULO LOCALIZADO: *Talento índio não tem idade*

DATA DO PERIÓDICO: 12/05/1968

O autor reúne aqui informações sobre cinco bailarinas de origem indígena que montaram o espetáculo "As Quatro Luas". Trata-se da corporificação das mais gerais danças da tradição de Oklahoma. Segundo João Antônio, sua experiência é internacional. A idade das bailarinas variam de 39 a 48 anos.

PALAVRAS-CHAVE: Dança, Cultura Indígena, Oklahoma

TÍTULO LOCALIZADO: *O homem nu é posição*

DATA DO PERIÓDICO: 19/05/1968

Aqui se reporta o caso de Frank Protopapas, grego que pousa nu para uma propaganda francesa de malhas invisíveis. Segundo João Antônio nos diz, trata-se da inauguração do masculino no mundo da propaganda, o que resulta em grande polêmica nas mais diversas áreas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Propaganda, polêmica, nudez

TÍTULO LOCALIZADO: *Uma aventura nas alturas*

DATA DO PERIÓDICO: 19/05/1968

Trata-se de um comentário sobre Martin Boysen, alpinista inglês de 27 anos que conquistou a façanha de escalar o Fou, pico de 450m, nos Alpes suíços.

PALAVRAS-CHAVE: Suíça, Alpinismo, Martin Boysen

TÍTULO LOCALIZADO: *Novos caminhos do coração*

DATA DO PERIÓDICO: 19/05/1968

João Antônio fala de alguns dos primeiros transplantes de coração realizados no mundo: o caso do mestre de construção Frederick West, do

contabilista texano Everett Clare Thomas, de uma criança, vítima da doença azul, patologia congênita.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina, Cardiologia, transplantes

TÍTULO LOCALIZADO: *Uma Velha Epidemia*

DATA DO PERIÓDICO: 19/05/1968

A epidemia evocada no título se refere ao crescente número de abortos efetivados no mundo pós-Segunda Guerra. Segundo o BEMFAM (Sociedade do Bem Estra Familiar), são provocados um milhão e duzentos mil abortos por ano no mundo, situação que a instituição pretende controlar com orientações sobre planejamento familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Família, aborto, planejamento

TÍTULO LOCALIZADO: *E o papel virou moda*

DATA DO PERIÓDICO: 26/05/1968

Esse texto fala de um golpe publicitário de 1966 que se tornou moda dois anos depois: vestidos confeccionados com papel. A princípio, serviriam para atrair compradores para uma firma de artigos de papel (copos, pratos etc). Porém, passaram a ser costume adotado por muitas mulheres e artistas hollywoodianos.

PALAVRAS-CHAVE: Publicidade, papel, moda

TÍTULO LOCALIZADO: *Um senhor vigarista*

DATA DO PERIÓDICO: 26/05/1968

O vigarista a que se refere o título se chama Alexandre dos Santos, praticante de golpes na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Segundo João

Antônio, ele costumava clinicar ilegalmente sob a identidade de Conde Ramayana. Também, criara uma espécie de “Ordem do Bem Estar”, onde atendia apenas mulheres, que o reverenciavam fanaticamente e lhe prestavam favores financeiros e, como em muitos dos casos, sexuais.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina, Falsidade Ideológica, Conde Ramayana

TÍTULO LOCALIZADO: *Gêmeos, trabalho em dobro, amor em dobro*

DATA DO PERIÓDICO: 26/05/1968

João Antônio descreve aspectos essenciais da vida familiar de irmãos gêmeos: desde as estatísticas que determinam as possibilidades de sua gestação às várias complicações cotidianas de sua vida em família, como por exemplo a duplicação dos custos, da tensão emocional; tudo o que se diz compensado pela “satisfação extra”.

PALAVRAS-CHAVE: Família, gêmeos, economia doméstica

TÍTULO LOCALIZADO: *Bill the Kid matou 21, fora os Índios*

DATA DO PERIÓDICO: 18/02/1968

João Antônio sintetiza a trajetória da histórica, ao mesmo tempo lendária, personagem do oeste americano, Bill, The Kid. Suas andanças iniciam quando sua mãe é insultada por um ferreiro, que é morto por ele. A partir daí, tido como fora-da-lei, passa a errar por todo o west e a matar seus opositores.

PALAVRAS-CHAVE: Lendas, Bill the Kid, oeste americano

TÍTULO LOCALIZADO: *Como se faz um cosmonauta*

DATA DO PERIÓDICO: 26/05/1968

Esse texto tem em vista dar a conhecer o processo de aprendizagem de cosmonáutica, em especial da escola de Orenburg. O primeiro passo consiste em aplicações de disciplinas especializadas (álgebra, química, física, botânica). Em seguida, as práticas, que incluem acrobacias, pára-quedismo etc.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem, Cosmonáutica, Orenburg

TÍTULO LOCALIZADO: *Humorismo ao Zero*

DATA DO PERIÓDICO: 26/05/1968

Esse artigo divulga a obra “Homem ao Zero”, de Leon Eliachar, livro brasileiro de humor que engendra graça através do óbvio. Sob o pretexto de que o humor nos vários meios de comunicação do Brasil é precário, é dada essa indicação, como o que se pode chamar de “originalidade bisonha e franca”.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Humor, Leon Eliachar

TÍTULO LOCALIZADO: *A velha história das pílulas*

DATA DO PERIÓDICO: 26/05/1968

Aqui, o autor enuncia sinteticamente alguns dos tipos de anticoncepcionais produzidos pelo homem ao longo dos tempos. Começa pelos tampões e outros ingredientes usados por povos judeus, gregos e romanos. Remete-se a tipos de plantas que afetam a fertilidade do ser humano, como por exemplo o camote, vegetal mexicano. Também, cita experiências poéticas que contribuíram à divulgação dessa prática, caso do inglês Francis Place.

PALAVRAS-CHAVE: História, Medicina, anticoncepcionais

TÍTULO LOCALIZADO: *Quem morava na América antes de Colombo?*

DATA DO PERIÓDICO: 26/05/1968

O assunto em questão ganha aqui algumas alternativas. João Antônio, ancorado em algumas teses científicas, diz da possibilidade de os povos pré-colombianos serem originários da África, em razão das formas físicas do humano retratado em vasos e outros objetos colhidos por arqueólogos. Mas também, questiona uma outra: de serem radicalmente americanos, descendentes dos povos naturais da América.

PALAVRAS-CHAVE: História, Arqueologia, Povos Pré-colombianos

TÍTULO LOCALIZADO: *Incas, velhos e sábios*

DATA DO PERIÓDICO: 02/06/1968

Essa reportagem fala dos métodos de cura incas e de sua precisão clínica. Conta que um médico peruano, Humberto Covarrubias, experimentou a maneira inca de operar um ferido e comprovou a eficácia de seu manejo com plantas e outros elementos naturais.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina natural, Povo Inca, Peru

TÍTULO LOCALIZADO: *O remédio é rir. Que alegria é essa?*

DATA DO PERIÓDICO: 02/06/1968

João Antônio defende a tese do psiquiatra David H. Fink de que o riso evita neuroses, força o relaxamento das tensões nervosas. A Universidade de Wisconsin, segundo o repórter, concluiu que certas circunstâncias afetam negativamente o ato do riso, como por exemplo, a vida matrimonial e o expediente.

PALAVRAS-CHAVE: Psiquiatria, riso, cotidiano

TÍTULO LOCALIZADO: *Karajan, artista e mito*

DATA DO PERIÓDICO: 02/06/1968

Trata-se do reconhecimento da obra do maestro Herbert Von Karajan. Destacam-se seus atributos de intensa passionalidade e excentricidade, além de se afirmar sua profunda competência na administração do cargo de diretor do Festival de Salzburgo e da Ópera Nacional de Viena, em 1956.

PALAVRAS-CHAVE: Música clássica, Ópera de viena, Herbert Von Karajan

**COLUNA:
CORPO A CORPO**

AUTOR DOS TEXTOS: João Antônio Ferreira Filho.

LOCAL DA PESQUISA: Arquivo João Antônio, UNESP/Assis.

PERIÓDICO PESQUISADO: Jornal *Última Hora* em papel.

LOCAL DA PUBLICAÇÃO: Rio de Janeiro

TÍTULO LOCALIZADO: *Eu mesmo*

DATA DO PERIÓDICO: 09/03/1976

Esse texto inaugura a mais nova coluna de João Antônio no *Última Hora*. Nele o autor se apresenta e seu discurso enfatiza o que considera seu melhor desempenho, a habilidade na sinuca ou, no mínimo, como “olheiro do joguinho”. Fala de sua admiração por seu pai, João Antônio Ferreira, cuja sensibilidade possibilitou seu autodidatismo musical, seus conhecimentos botânicos...

PALAVRAS-CHAVE: Biografia, Literatura, Sinuca

TÍTULO LOCALIZADO: *Moleque e filho bastardo*

DATA DO PERIÓDICO: 10/03/1976

Aqui, João Antônio fala do Carnaval, ou de como ele historicamente foi sendo incorporado nas cidades à revelia das instituições católicas e, pouco a pouco, como o peso do adjetivo pagão foi sendo aliviado pelas próprias entidades.

PALAVRAS-CHAVE: História, Carnaval, Cristianismo

TÍTULO LOCALIZADO: *Ao escritor nada*

DATA DO PERIÓDICO: 11/03/1976

João Antônio critica o sistema de distribuição de livros no Brasil, a “república das Bruzundangas”. Aponta o desinteresse estatal com essa forma artística e toda uma desordem na esfera dos direitos autorais; em que se publicam antologias de autores descomprometidas com o pagamento dos efetivos autores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Mercado, Direitos autorais

TÍTULO LOCALIZADO: *Sonhar com rei dá leão*

DATA DO PERIÓDICO: 12/03/1976

O título do artigo corresponde ao nome do enredo vencedor da escola de samba carioca Beija-Flor. João Antônio exalta a construção desse elo (jogo do bicho-samba), segundo ele, essencialmente populares, o principal motivo da vitória da escola de Neguinho e Joãozinho Trinta.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval, Jogo do Bicho, Escola de Samba Beija-Flor

TÍTULO LOCALIZADO: *Sonhar com rei dá leão (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 13/03/1976

O jogo do bicho é tido aqui como um remédio ao desarranjo da sociedade brasileira, reconhecido até por intelectuais, escritores, como Graciliano Ramos, que o definia como o feixe que deixa entrever a alma popular do brasileiro. Jogo honesto, “que paga sempre”, segundo o autor.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval, Jogo do Bicho, Escola de Samba Beija-Flor

TÍTULO LOCALIZADO: *Sonhar com rei dá leão (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 15/03/1976

Seguem suas palavras de admiração pelo jogo do bicho, “a instituição mais honesta do país”, seu estatuto popular e um caráter interativo dos mais diversos tipos cariocas. Cita Graciliano Ramos, que via no bicho uma possibilidade de manifestação da esperança ou providência divina na alma popular.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval, Jogo do Bicho, Escola de Samba Beija-Flor

TÍTULO LOCALIZADO: *Carnaval de Sangue*

DATA DO PERIÓDICO: 16/03/1976

João Antônio compara duas notícias publicadas na pequena ou “nanica” imprensa brasileira. A primeira aparece em um jornal curitibano cujo conteúdo pretende ser desconcertante, ironiza o próprio ato jornalístico: “Use seu sangue para rir melhor: Humor, medo e porcaria”. Já a segunda, publicada pela Associação Brasileira de Doadores de Sangue, apresenta um tom sério, é um chamamento à conscientização pública: “Sua maior alegria é salvar uma vida com seu sangue neste carnaval”. O autor reflete a coincidência temática e cronológica das notícias, que confundem sarcasmo e seriedade.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, Jornalismo, Ironia

TÍTULO LOCALIZADO: *Cabeçadas do crioulo doido*

DATA DO PERIÓDICO: 17/03/1976

João Antônio denuncia a “cartolagem” ou “fariseísmo” que ronda a carreira do jogador de futebol, quando já não dispõe do mesmo desempenho de outros tempos. O caso é o do jogador Fio Maravilha que, cercado pelas euforias da imprensa televisiva, compromete-se, segundo o autor, com seus ideais de sucesso.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Mercado, Fio Maravilha

TÍTULO LOCALIZADO: *Ciro*

DATA DO PERIÓDICO: 18/03/1976

Aqui, João Antônio fala do cantor de samba *Ciro Monteiro*. Seu cotidiano nos bares cariocas, seu convívio com tipos boêmios, sua visão “sã” da interpretação musical, que observa a ação dos ritmos e seu potencial de gerar sentimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Samba, Ciro Monteiro

TÍTULO LOCALIZADO: Metro a metro – é o metrô

DATA DO PERIÓDICO: 22/03/1976

“Na rota do progresso, o metrô vai desfigurando a fisionomia do Rio antigo, ou melhor, da nossa alegria e camaradagem”. Quis dizer que a construção do metrô carioca vai tomando espaços onde se formaram a arte, a história, os modos de ser da malandragem carioca. João Antônio cita alguns desses lugares, substituídos pelo “buraco mais predatório”: Tabuleiro da Baiana, Café Lamas, Taberna da Glória...

PALAVRAS-CHAVE: História, Metrô, Progresso

TÍTULO LOCALIZADO: *É o choro que vem*

DATA DO PERIÓDICO: 24/03/1976

Esse texto reclama a atenção dos “brasis” a riquezas impagáveis de nossa cultura, então trocadas por modas descartáveis vindas de fora. Afirma a qualidade rara do choro, a sofisticação e leveza da canção “tão ou mais forte que o jazz” e percebe seu retorno por meio de grupos, como Época de Ouro, do Rio de Janeiro, ou o Atlântico, de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Arte brasileira, Música, Chorinho

TÍTULO LOCALIZADO: *Carnaval Grosso*

DATA DO PERIÓDICO: 25/03/1976

Segundo João Antônio, o carnaval trazido por mãos portuguesas, no período colonial, era inferior até mesmo à festa dos nossos dias, conduzido aos salões, tirado de seu *locus* natural. O entrudo português, diferente do italiano e do francês, era chulo e perigoso, sem as cores e belezas ornamentadas nos tecidos dos arlequins e Polichinelos. Ficou ainda mais desmoralizado quando D. João lhe impôs sentidos religiosos.

PALAVRAS-CHAVE: Entrudo, Carnaval, Religião

TÍTULO LOCALIZADO: *Uma carta de Minas*

DATA DO PERIÓDICO: 26/03/1976

Resposta a uma carta de jovens poetas mineiros, esse artigo defende a tese da necessidade de um repertório clássico à produção de literatura. Fala, então, da formação do próprio autor e da de outros escritores, como Graciliano Ramos e Lima Barreto. Sem o referencial, diz o autor, que não haveria escrito o seu “clássico velhaco”, *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Clássicos, Jovens Escritores

TÍTULO LOCALIZADO: *Uma carta de Minas (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 27/03/1976

Complementando o artigo do dia anterior, João Antônio segue dizendo suas noções relativas à Literatura. Aqui, enfatiza a necessidade de investigação, a relação nada formal, porém incestuosa, que a escrita literária deve estabelecer com o jornalismo (desde que em suficiente profundidade). Também fala da necessidade de sempre um escritor manter certa postura de aprendiz.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Teoria Literária, Jornalismo

TÍTULO LOCALIZADO: *Tesouras e engarfadas*

DATA DO PERIÓDICO: 03/04/1976

João Antônio descreve as noites de baile das casas de samba e choro cariocas: a preparação das bandas, os tipos de bebidas consumidas ali, as gentes diversas dentre melhores e piores dançarinos... Tudo, segundo ele, acontecendo sem o menor empenho de exibição.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Gafieira, Samba

TÍTULO LOCALIZADO: *O mangue é inédito*

DATA DO PERIÓDICO: 05/04/1976

Esse artigo fala de uma região do Rio de Janeiro conhecida como Mangue. Descreve sua condição de degradada, seca, onde se desenvolve uma cafetinagem violenta e pobre. Cita o nome de um poema de Oswald de Andrade, o "Santeiro do Mangue" que, segundo João Antônio, expõe cruamente certos aspectos do local.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Mangue, Prostituição

TÍTULO LOCALIZADO: *Aos 97 anos (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 08/04/1976

João Antônio conhece Jorge Correia Machado, da cidade de Vassouras, no Rio de Janeiro. Cidadão mais velho da cidade, casa-se, então, pela segunda vez. Nesse artigo, Jorge fala da transformação de sua cidade e de sua vida com o advento local de uma faculdade de medicina. Também fala do passado, de sua família marcada fundamentalmente pela escravidão.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Vassouras, Escravidão

TÍTULO LOCALIZADO: *Aos 97 anos (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 09/04/1976

Aqui, reúnem-se outros depoimentos de Jorge Correia que revelam um incisivo ceticismo religioso, sua paixão pela caça, seu horror a dívidas, sua força e vontade de administrar suas propriedades... João Antônio mostra estimar sua dignidade e sua inteligência construída empiricamente.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Vassouras, Jorge Correia Machado

TÍTULO LOCALIZADO: *A Lapa acordada para morrer*

DATA DO PERIÓDICO: 14/04/1976

Certo da morte de um espírito boêmio, do livre malandro da Lapa carioca e assistindo a formação de uma Lapa mais “família”, João Antônio desenvolve um breve histórico desse bairro carioca. Às voltas de um seminário e uma capela, no ano de 1751, é conhecida inicialmente por Areias de Espanha, até se transformar num antro da loucura carioca, das artes e de uma variedade de tipos humanos que, segundo o autor, a elevaram àquilo que a faz conhecida por todo o país.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Lapa, Malandragem

TÍTULO LOCALIZADO: *Um nome para pular*

DATA DO PERIÓDICO: 15/04/1976

Aqui, João Antônio quer encontrar etimologicamente os sentidos da palavra carnaval. Divide-se entre duas noções: a versão italiana, junção de carno e vale (“adeus à carne”) e a versão milanese, “carnevale”, que corresponde ao livramento do uso da carne. A parte disso, porém, o autor comenta que para o carioca isso pouco importa: seu carnaval está além das convenções e dos calendários.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval, Etimologia, Rio de Janeiro

TÍTULO LOCALIZADO: *Dentro da miniguerra do metrô (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 21/04/1976

Os três artigos que se seguem falam dos efeitos sociais da construção do metrô carioca. Nesse primeiro, descreve a angústia de Rita Soares da Silva que, dentre muitas outras pessoas, sofre a ameaça de ter sua casa derrubada para dar lugar à máquina do progresso, nos derredores da Rua Júlio do Carmo.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Metrô, Sociedade

TÍTULO LOCALIZADO: *Dentro da miniguerra do metrô (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 22/04/1976

Aqui, João Antônio fala de um trecho da Rua Júlio do Carmo, no Rio de Janeiro, região conhecida pela existência do “prostíbulo mais baixo da cidade”, também lugar cantado por poetas e prosadores, que se torna outra vítima de demolições, em virtude da construção do metrô carioca.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Metrô, Prostituição

TÍTULO LOCALIZADO: *Dentro da miniguerra do metrô (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 23/04/1976

João Antônio transita pela Rua Júlio do Carmo, colhendo depoimentos sobre a instalação do metrô. Em sua maioria, revelam a angústia de terem suas casas e estabelecimentos comerciais prejudicados pela obra.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Metrô, Sociedade fluminense

TÍTULO LOCALIZADO: *Os tempos eram outros*

DATA DO PERIÓDICO: 26/04/1976

Trata-se de um artigo sobre a extinção da gafieira, o “arrasta-pé” carioca, em virtude da proliferação de clubes menores cariocas. Critica a estilização caricatural dos velhos costumes da gafieira pela então formada classe média.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Gafieira, Classe Média

TÍTULO LOCALIZADO: *Matar a morte*

DATA DO PERIÓDICO: 27/04/1976

Nesse artigo, João Antônio diz da tendência humana de se esconder da morte ou tentar exterminá-la de seu cotidiano. Parte de um escrito de Virginia Wolff (“O homem tenta matar a morte”) e permeia as várias formas de fazê-lo, como o embelezamento de defuntos, uma técnica funerária.

PALAVRAS-CHAVE: Humanidade, Morte, Costumes

TÍTULO LOCALIZADO: *Ainda Noel*

DATA DO PERIÓDICO: 28/04/1976

João Antônio reflete sobre as possíveis influências criadas na vida musical de Chico Buarque de Holanda. Conclui ser Noel, mais que Vanzolini (como já opinou Plínio Marcos) quem se aproxima mais desta estética trágico-favela, greco-umbanda.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Chico Buarque, Noel Rosa

TÍTULO LOCALIZADO: *Nosso compadre o profeta Nelson Cavaquinho*

DATA DO PERIÓDICO: 29/04/1976

João Antônio expressa aqui sua admiração ao sambista Nelson Cavaquinho. Fala de seus passeios noturnos pela boêmia carioca, sua relação com os tipos populares, sua sabedoria empírica, suas “nostalgias de mocidade”...

PALAVRAS-CHAVE: Música, Samba, Nelson Cavaquinho

TÍTULO LOCALIZADO: *Nosso compadre o profeta Nelson Cavaquinho (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 01/05/1976

Esse segundo artigo sobre Nelson Cavaquinho diz de sua infância no Rio de Janeiro com a mãe lavadeira e o pai, contra-mestre da banda da Polícia Militar; de seu contato com o samba ou, em específico, com a Escola Estação Primeira de Mangueira; de sua carreira na polícia, contemporânea à sua criação na música.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Samba, Nelson Cavaquinho

TÍTULO LOCALIZADO: *Nosso compadre o profeta Nelson Cavaquinho (III)*

DATA DO PERIÓDICO: 04/05/1976

Aqui, temos o Nelson em sua fase de composição na convivência com os músicos de Mangueira (Cartola, Carlos Cachça...). Conta o momento de sua baixa na polícia do Rio de Janeiro graças às faltas seguidas, sua vida “Boêmia sem medidas”, e sobre seu segundo e definitivo casamento com Neli.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Samba, Nelson Cavaquinho

TÍTULO LOCALIZADO: *Nosso compadre o profeta Nelson Cavaquinho (IV)*

DATA DO PERIÓDICO: 05/05/1976

Conhecemos aspectos da criação de Nelson Cavaquinho, sua devoção às mulheres, que têm lugar constante em suas canções, a espontaneidade com que escreve, seja em bares, nas viagens de ônibus, nas madrugadas. Também nos conta quais os intérpretes prediletos de suas canções. Dentre eles, Dalva de Oliveira, Ciro Monteiro, Gilberto Alves, Rute Amaral...

PALAVRAS-CHAVE: Música, Samba, Nelson Cavaquinho

TÍTULO LOCALIZADO: *Nosso compadre o profeta Nelson Cavaquinho (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 06/05/1976

Nelson, compositor de “A Flor e o Espinho”, em 55, já distanciado espiritualmente do Rio de Janeiro, da boêmia que vivera junto a outros sambistas, vê o “sonho” desmoronar-se: as casas de samba, como o Zicartola, invadidas por estereótipos “afrancesados”, “prostituídas” por uma onda de “bacanas” da Zona Sul carioca.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Samba, Nelson Cavaquinho

TÍTULO LOCALIZADO: *Ficou na saudade*

DATA DO PERIÓDICO: 12/05/1976

A gafieira, novamente associada a sua vivência efetiva num passado carioca. João Antônio critica a fraqueza da então nova gafieira moderna, na qual mal se dança e pouco se integram os freqüentadores. “Gafieira hoje é saudade”, diz.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Gafieira, Passado

TÍTULO LOCALIZADO: *Lima Barreto, agora*

DATA DO PERIÓDICO: 13/05/1976

Nesse artigo, João Antônio fala de Lima Barreto, de sua obra e do desprezo sofrido por muitas das classes de leitores e estudiosos atuais da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Lima Barreto, Desprezo

TÍTULO LOCALIZADO: *Marítimos*

DATA DO PERIÓDICO: 14/05/1976

Esse conto narra um dia no cais de um porto fluminense. O movimento de marinheiros que, quando aportam, procuram diversões em casas noturnas e na prostituição. Nesse contexto, acontece o encontro de dois deles com Rita Pavuna e Odete Cadilaque, “personagens” joantonianas, e seu trânsito pelos bares.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Marinheiros, Prostituição

TÍTULO LOCALIZADO: *Talento, só. Juízo, só.*

DATA DO PERIÓDICO: 17/05/1976

João Antônio critica a introdução de Leon Trotski a um livro de poemas de Maiakovski, que teria, em algum momento, condenado a convivência do poeta com os “ismos” das vanguardas poéticas européias, em especial o futurismo. Com o que, particularmente, não concorda é o fato de Trotski ter julgado apenas a partir de suas lentes políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Maiacovski, Leon Trotski

TÍTULO LOCALIZADO: *Escritor. Estivador?*

DATA DO PERIÓDICO: 18/05/1976

Falando do escritor, João Antônio critica aqueles que dizem não haver literatura no Brasil. Para o autor, não é a literatura, mas os mecanismos de distribuição que impedem que ela aqui aconteça. Enfatiza, também, a necessidade do autor brasileiro se relacionar melhor com seu público, criando debates e afastando a aparência beletrista do mundo dos livros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Distribuição, Leitores

TÍTULO LOCALIZADO: *Certidão de nascimento perdida*

DATA DO PERIÓDICO: 20/05/1976

João Antônio afirma a impossibilidade de se saber a origem do carnaval. Segundo ele, há muitas hipóteses que remontam à Grécia, à cidade de Roma, ao Egito, à Idade Média, sem que se chegue à sua idade exata.

PALAVRAS-CHAVE: História, Carnaval, Origem

TÍTULO LOCALIZADO: *A evitada das gentes*

DATA DO PERIÓDICO: 21/05/1976

O tema desse artigo é a morte e como ela é vista ao longo dos tempos. Do homérico Aquiles, do shakespeariano Hamlet aos tempos modernos em que é higienicamente evitada.

PALAVRAS-CHAVE: História, Literatura, Morte

TÍTULO LOCALIZADO: *Carnaval lá fora*

DATA DO PERIÓDICO: 22/05/1976

Aqui, orientado pelo cronista A. Morales de Los Rios, João Antônio fala do Carnaval numa perspectiva mundial: o italiano, surgido entre os séculos XV e XVI; o veneziano, louvado por Byron em seus poemas. Segundo A. Morales, o carnaval fluminense fundiria essas duas tendências, ou mesmo, resume essas e outras pelo mundo.

PALAVRAS-CHAVE: História, Carnaval, Rio de Janeiro

TÍTULO LOCALIZADO: *Nosso tempo*

DATA DO PERIÓDICO: 24/05/1976

Esse artigo é sobre os buracos das ruas cariocas e maior dos seus buracos, a obra do metrô. Fala também de seus efeitos poluentes, como o barulho, a poeira, a fumaça, o lixo, a água empoçada...

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Ruas, Metrô

TÍTULO LOCALIZADO: *Pôquer, Dama e Buraco no Sindicato dos Mendigos*

DATA DO PERIÓDICO: 25/05/1976

A casa de jogos e bailes carioca Cordão da Bola Preta é lembrado por João Antônio como um respeitado ponto de encontro da “boa boêmia”. Rígido quanto à seleção dos associados, confortável nas acomodações internas, ainda contava com os melhores sambistas do Rio, os partideiros e ritmistas de Mangueira.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Samba, Cordão da Bola Preta

TÍTULO LOCALIZADO: *Um drama de escritor*

DATA DO PERIÓDICO: 26/05/1976

João Antônio retoma o tema da insuficiência de atenção e de recursos a que está condicionado o autor nacional. O caso que apresenta é o de Bernardo

Elis, que precisou deixar o Rio de Janeiro por não ver meios de sobreviver através da Literatura. João Antônio cita parte de suas declarações à imprensa, em que expõe os motivos que lhe fizeram abandonar o sonho de ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Bernardo Elis, Profissionalização

TÍTULO LOCALIZADO: Mini

DATA DO PERIÓDICO: 27/05/1976

Eis um conto em que reaparece a personagem do livro de João Antônio, *Ó Copacabana*, Mariazinha Tiro-a-Esmo. Aqui ela fala de sua infância trágica, sua convivência com assassinatos, com o tráfico de drogas, sua condição submissa a um rufião, seu protetor nos tempos de adolescência.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Prostituição, Mariazinha Tiro-a-Esmo

TÍTULO LOCALIZADO: *Túmulo do amor (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 28/05/1976

Crítica do casamento, inicia-se com universais, como: “Toda pessoa casa no escuro” e prossegue com a entrevista de um casal septuagenário, otimistas quanto a longas uniões, esclarecidos a respeito das diferenças na ambiência conjugal e das falsas ilusões que baseiam os matrimônios da atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica, Casamento, Costumes

TÍTULO LOCALIZADO: *Túmulo do amor (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 29/05/1976

A continuação da entrevista aborda relações entre o matrimônio e a liberdade, questões como a burocracia no casamento, as diferenças entre os homens e as mulheres, as formas de interpretação da vida conjunta (algumas mais conservadoras, outras mais liberais).

PALAVRAS-CHAVE: Crítica, Casamento, Costumes

TÍTULO LOCALIZADO: *Túmulo do amor (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 31/05/1976

Nessa última parte, o entrevistado se diz alguém que é favorável ao casamento e que acredita nele, mesmo em vista de suas restrições. Conta que seu caso é uma exceção evidente e que seu sucesso aconteceu devido à sua dignidade, ao trabalho, à ordem, à economia e a certo espírito boêmio. Reconhece os contratempos da atualidade nos trâmites de desquite e a condição desfavorável de se viver só, hoje em dia.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica, Casamento, Costumes

TÍTULO LOCALIZADO: *Crônica do valente torcedor (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 03/06/1976

Crônica que cria o tipo de torcedor passional, doente, contrário à idéia de herói olímpico, racional. Comenta os escritos de Mário Filho sobre Futebol: “Introdução ao Flamengo” e “O negro no futebol brasileiro”.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Torcedor, Flamengo

TÍTULO LOCALIZADO: *Crônica do valente torcedor (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 04/06/1976

Aqui, há a narração do cotidiano dos botecos onde torcedores discutem suas preferências. Segue-se um micro-conto em que o narrador flagra um torcedor, na madrugada do Rio de Janeiro, após a vitória de seu Flamengo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Torcedor, Flamengo

TÍTULO LOCALIZADO: *Crônica do valente torcedor (III)*

DATA DO PERIÓDICO: 05/06/1976

No contexto do futebol mineiro aparece o goleiro Raul Guilherme Plazzman. João Antônio comenta a evolução de sua fama, graças a seu belo porte físico, tido como exemplar pelas torcedoras. Isso, enquanto a torcida do time opositor o espicaça com xingamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Torcedor, Raul Guilherme Plazzman

TÍTULO LOCALIZADO: *Crônica do valente torcedor (V)*

DATA DO PERIÓDICO: 08/06/1976

Nesse artigo, João Antônio fala da abrupta ascensão financeira de alguns jogadores de futebol. Aqui, em particular, de três atletas: Tostão, Raul Plazzman e Natal.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Torcedor, Mercado

TÍTULO LOCALIZADO: *Crônica do valente torcedor (VI)*

DATA DO PERIÓDICO: 09/06/1976

No contexto do então prestígio do jogador Raul Plazzman, João Antônio narra o caso de um torcedor de um time adversário (Atlético) em situação de extrema fúria, quando mata um gato enquanto esse rosnava o que supostamente parecia o som do nome do jogador do outro time, Raul.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Torcedor, Atlético

TÍTULO LOCALIZADO: *Crônica do valente torcedor (VII)*

DATA DO PERIÓDICO: 10/06/1976

Esse artigo reúne pensamentos sobre o futebol. Comenta a morte de Roberto Barata, jogador do Cruzeiro; a paixão corintiana, no Rio de Janeiro; o eterno antagonismo mineiro entre o Atlético e o Cruzeiro; a religião como fuga nos momentos de angústia de um torcedor...

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Torcedor, Atlético

TÍTULO LOCALIZADO: *Crônica do valente torcedor (VIII)*

DATA DO PERIÓDICO: 11/06/1976

João Antônio conta a história de um torcedor que, no ímpeto de melhorar o desempenho da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo, tentou por muitas vezes enviar ao técnico, Zagalo, um urubu que, conforme pensava o torcedor, viria a regular situação do time.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Torcedor, Copa do Mundo

TÍTULO LOCALIZADO: *Crônica do valente torcedor (IX)*

DATA DO PERIÓDICO: 12/06/1976

A história anterior, da tentativa do torcedor Gabreno da Rocha de enviar um urubu à Seleção Brasileira, na Alemanha, se amplia com a transcrição do requerimento que ele teria enviado ao Diretor dos Correios, em virtude das negativas que recebeu da empresa. Nesse escrito, justifica sua atitude, que se pretendia a chance de vitória do Brasil na Copa.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Torcedor, Copa do Mundo

TÍTULO LOCALIZADO: *Crônica do valente torcedor (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 14/06/1976

Chega ao fim o esforço de Gabreno na tentativa de “melhorar” a Seleção Brasileira. Recebe a negativa final da Empresa de Correios. Por fim, nem urubu e nem vitória para o Brasil na Alemanha, na Copa de Hannover.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Torcedor, Copa do Mundo

TÍTULO LOCALIZADO: *Conversa franca com Aguinaldo Silva (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 16/06/1976

João Antônio, antes de nos apresentar a entrevista que se segue, comenta sobre o trabalho literário de Aguinaldo Silva. Autor de *Balada para Madame Satã*, *Redenção Para Job*, *Cristo Partido Ao Meio*, figura entre os escritores que tiveram maior receptividade no exterior que em seu próprio país.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Aguinaldo Silva, Recepção

TÍTULO LOCALIZADO: *Conversa franca com Aguinaldo Silva (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 17/06/1976

Aqui, Aguinaldo Silva fala de seus ofícios de escritor e jornalista e da íntima relação existente entre eles. Também, faz crítica da Academia Brasileira de Letras, considerando-a “inútil e fútil”, onde o que mais se faz é traficar influência e poder.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Aguinaldo Silva, Jornalismo

TÍTULO LOCALIZADO: *Conversa franca com Aguinaldo Silva (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 18/06/1976

Aguinaldo Silva reflete sobre as condições então atuais da Literatura Latina. Para ele, a leitura é raridade no Brasil devido ao preço alto dos livros, o que dificulta a profissionalização do escritor. Também fala das tendências contemporâneas da Literatura, o Fantástico e o Romance-reportagem que, segundo ele, seguem o mesmo caminho, apenas diferem na forma.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Aguinaldo Silva, Profissionalização

TÍTULO LOCALIZADO: *Carta aberta sobre Lima Barreto*

DATA DO PERIÓDICO: 19/06/1976

João Antônio publica carta do leitor H. Pereira da Silva, que faz considerações de admiração à obra de Lima Barreto, traduzindo-o como profeta brasileiro, aquele que revela o modo como nesse país se forjam as glórias políticas e literárias. Segundo o leitor, foi ele um dos que transpuseram a fronteira fixada pelos cânones portugueses.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Lima Barreto, História

TÍTULO LOCALIZADO: *Maralto (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 21/06/1976

Trata-se de uma crítica à visão academicista de que a reportagem tenha morrido. João Antônio cita momentos memoráveis do jornalismo brasileiro (Realidade, Opinião, Movimento...) e fala de um jornalismo jovem que então se formava no Brasil sem que muitos intelectuais percebessem.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica, Jornalismo, Reportagem

TÍTULO LOCALIZADO: *Maralto (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 22/06/1976

Aqui, João Antônio aclama os então recentes romances-reportagem publicados: *Viagem à China Aberta*, de Cláudio Bojunga e *Maralto*, de Luiz Carlos de Souza. Fixa-se frente à *Maralto*, considerando-o bastante representativo devido à sua honestidade no tratamento das vivências humanas, seus medos, dramas... Para João Antônio, ventos do reaparecimento de uma grande estética jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Romance-reportagem, Maralto

TÍTULO LOCALIZADO: *Quindim das mulheres*

DATA DO PERIÓDICO: 24/06/1976

O Cordão da Bola Preta é novamente tema de reportagem. Aqui, João Antônio diz da participação feminina nas festas do "Bola". Conta com presenças notáveis, como a de Elizete Cardoso, Rute Amaral, temperando com seu ritmo de folia puro e contagiante.

PALAVRAS-CHAVE: Samba, Carnaval, Cordão da Bola Preta

TÍTULO LOCALIZADO: *Centenas de Tampinhas (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 25/06/1976

João Antônio nos apresenta Jéferson Ribeiro de Andrade, contista mineiro e participante da revista *Inéditos*, que traz contos e poesias de novos autores de Minas. Ex-proprietário de um bar de Belo Horizonte, freqüentado por poetas,

filósofos e outros loucos, escreve a João Antônio carta que aparecerá na coluna do dia seguinte.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Minas Gerais, Boêmia

TÍTULO LOCALIZADO: *Centenas de Tampinhas (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 26/06/1976

A carta que João Antônio publica integralmente aqui conta alguns momentos passados no bar sob a direção do escritor Jéferson Ribeiro, em Belo Horizonte. Comparecem no conto ele e um poeta, o seu amigo Macários, em dois momentos na uma madrugada da cidade mineira. O título se refere a uma brincadeira que Jéferson faz com o amigo poeta, depositando na sacola onde guardava seus poemas, uma infinidade de tampinhas de garrafa.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Minas Gerais, Boêmia

TÍTULO LOCALIZADO: *Cerveja (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 29/06/1976

O autor relembra os tempos em que a reportagem tinha maior alcance e profundidade. Para esse retorno, prepara um texto jornalístico “à antiga” que falará nas próximas publicações sobre a cerveja e seus bebedores. Vai na contra-maré dos doutos que acreditam na morte da velha reportagem.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Reportagem, Cerveja

TÍTULO LOCALIZADO: *Cerveja (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 30/06/1976

Eis o modelo de reportagem “à antiga” sobre a cerveja. Seu caminho parte do mapeamento das cidades, bares e demais espaços onde o consumo da bebida é notório. Chega aos bebedores, às diferentes qualidades desse ato de beber, até especificidades, como analisar os que bebem no centro do Rio de Janeiro, por exemplo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Reportagem, Cerveja

TÍTULO LOCALIZADO: *Cerveja (III e final)*

DATA DO PERIÓDICO: 01/07/1976

Continua a irônica saga de um repórter pelo universo da cerveja. As tarefas se aprofundam: Criam-se relações comparativas entre o operariado e a cerveja, a escola de samba e a cerveja. Observam-se seus códigos de honra, depoimentos vivos de experiências absurdas com a cerveja; analisam-se poesias que fizeram em sua homenagem etc.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Reportagem, Cerveja

TÍTULO LOCALIZADO: *Com um autor de livros de bolso (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 03/07/1976

Esse artigo inaugura a conversa de João Antônio com o escritor José Edson Gomes, que passa a publicar naquele ano seus contos em livros de bolso. Nessa primeira parte ele critica a lentidão com que a literatura se desenvolve nesse país. O motivo, segundo ele, gira em torno da desinformação do leitor e do serviço precário de distribuidores e editores de livros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, José Edson Gomes, Livros de bolso

TÍTULO LOCALIZADO: *Com um autor de livros de bolso (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 05/07/1976

José Edson Gomes fala aqui de sua vida literária e jornalística. Ambas que, em certo momento, ele abandonou por deixar de crer nelas. Passou a escrever os chamados bolsilivros e a se interessar por um outro tipo de público, semi-alfabetizado, apaixonado por leituras de paixão e de aventura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, José Edson Gomes, Livros de bolso

TÍTULO LOCALIZADO: *Com um autor de livros de bolso (III)*

DATA DO PERIÓDICO: 06/07/1976

José Edson Gomes apresenta sua visão sobre a literatura de bolso, que ele escolheu produzir. Seu conteúdo varia conforme a coleção: Para Karina Especial, escreve novelas de amor e de violência; para a Karina Sexy, novelas sobre as aspirações eróticas de mulheres de classe média.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, José Edson Gomes, Livros de bolso

TÍTULO LOCALIZADO: *Com um autor de livros de bolso (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 07/07/1976

João Antônio questiona o escritor José Edson Gomes quanto à estruturação de sua escrita, ao que ele responde corresponder ao tradicional esquema introdução - desenvolvimento da trama - clímax. Para Edson, sua atividade é comparada a profissões braçais, sistemáticas, em que ele vê beleza, mesmo sendo superficiais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, José Edson Gomes, Livros de bolso

TÍTULO LOCALIZADO: *Uma história do Arrudas (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 09/07/1976

Avesso à centralização da vida literária nas metrópolis do Rio de Janeiro e São Paulo, João Antônio reclama a atenção dos críticos à literatura mineira, em especial da escritura de Manoel Lobato. João Antônio considera sua obra madura, com destaque para *A Verdadeira Vida do Irmão Leovegildo*, que corresponde a um real sentimento dos mineiros de Belo Horizonte, às margens do Rio Arrudas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Minas Gerais, Manoel Lobato

TÍTULO LOCALIZADO: *Uma história do Arrudas (II e final)*

DATA DO PERIÓDICO: 10/07/1976

Esse artigo é dedicado especialmente à obra de Manoel Lobato *A Verdadeira Vida do Irmão Leovegildo*. Para João Antônio, ela toca fundo na subjetividade de tipos marginalizados que vivem em Belo Horizonte às margens do Rio Arrudas: uma esfera de prostituição, da exploração caftina, aliados a marcas mais gerais provenientes da fé e da solidão. Coisas que afetaram fortemente esse crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Manoel Lobato, *A Verdadeira Vida do Irmão Leovegildo*

TÍTULO LOCALIZADO: *Bola Preta*

DATA DO PERIÓDICO: 12/07/1976

O Cordão da Bola Preta, famoso reduto da boêmia carioca, retorna aqui, como tema. Nesse, o Bola Preta é considerado o maior clube carnavalesco do país, pioneiro nas passeatas de Carnaval e também a banda mais virtuosa.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval, Rio de Janeiro, Cordão da Bola Preta

TÍTULO LOCALIZADO: *Um Cordão Resistente*

DATA DO PERIÓDICO: 14/07/1976

Os “bailes-buates” do Bola Preta é aclamado graças à qualidade musical de seus shows, ao seu comprometimento com os músicos, ao seu espírito alegre e irreverente...

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval, Rio de Janeiro, Cordão da Bola Preta

TÍTULO LOCALIZADO: Tinhorão e as ruas

DATA DO PERIÓDICO: 15/07/1976

Trata-se da apreciação positiva do livro de José Ramos Tinhorão, crítico musical, “Música Popular – Os Sons Que Vêm Da Rua que, segundo João Antônio é um chamamento para que se conheça o que se produz musicalmente nos bares, praças, coretos, feiras... enfim, o que se toca e canta na informalidade das ruas brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Ruas, José Ramos Tinhorão

TÍTULO LOCALIZADO: *Valentes Torcedores*

DATA DO PERIÓDICO: 16/07/1976

João Antônio reproduz a carta de um leitor, o escritor Jéferson Ribeiro de Andrade, empolgado com a *Crônica de Um Valente Torcedor*, publicada em dez partes nessa coluna. Jéferson concorda com o autor da crônica quanto à força irracional que pode manifestar um torcedor, de sua paixão pelo futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Torcedor, Jéferson Ribeiro de Andrade

TÍTULO LOCALIZADO: *Araci*

DATA DO PERIÓDICO: 23/07/1976

A arte de Araci de Almeida, cantora de samba, aparece aqui como uma das maiores paixões de João Antônio. Nesse artigo, ele transcreve algumas falas de Araci, que revelam seu modo alegre de ser, seu amor à simplicidade doméstica (seus cachorros e azaléias, sua aversão a apartamentos...)

PALAVRAS-CHAVE: Música, Araci de Almeida, Costumes

TÍTULO LOCALIZADO: *Ainda Tinhorão*

DATA DO PERIÓDICO: 24/07/1976

José Ramos Tinhorão, crítico musical surge novamente nesse artigo que, como o anterior, apresenta a impressão positiva de João Antônio quanto a seus escritos sobre música popular. Esse reconhece uma estilização literária em sua obra, 990 páginas que diz haver “consumido em uma tomada”.

PALAVRAS-CHAVE: Música, José Ramos Tinhorão, Popular

TÍTULO LOCALIZADO: *A passeata do primeiro grito*

DATA DO PERIÓDICO: 26/07/1976

Bola Preta, Cordão de foliões e boêmios carioca, novamente em questão. O particular desse artigo é mostrar sua popularidade, que contou com mais de 150 foliões, logo em sua primeira aparição carnavalesca.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval, Popular, Cordão da Bola Preta

TÍTULO LOCALIZADO: *Papo com Júlio César, um escritor de 20 anos (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 28/07/1976

Essa é a primeira parte do papo com o escritor Júlio César Monteiro Martins, em que ele comenta a dificuldade de aceitação do autor nacional no complexo literário, mesmo com a forte diversificação que ele foi criando.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Júlio César Monteiro Martins, Recepção

TÍTULO LOCALIZADO: *Papo com Júlio César, um escritor de 20 anos (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 29/07/1976

Nessa parte, o assunto é a criação literária brasileira contemporânea. No campo da prosa, Júlio vê a ascensão de uma perspectiva comprometida com a tragédia brasileira e sua impossível dissociação com toda a configuração latinoamericana. Já na poesia, percebe um retorno ao discursivo, o abandono de uma estética concretista e uma necessidade suburbana.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Júlio César Monteiro Martins, Crítica literária

TÍTULO LOCALIZADO: *Papo com Júlio César, um escritor de 20 anos (III)*

DATA DO PERIÓDICO: 30/07/1976

Júlio César fala do boom das vendas de livros, a partir do ano de 1975; da literatura marginal, que considera confusa e hermética; fala da fertilidade que possui a literatura mineira; da possibilidade de a escritura realista e fantástica não serem uma dualidade, mas a necessidade de idéias diversas. Critica o academicismo e as pretensões do crítico analista, que às vezes tenta sobrepor-se ao autor.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Júlio César Monteiro Martins, Crítica literária

TÍTULO LOCALIZADO: *Gente de respeito*

DATA DO PERIÓDICO: 02/08/1976

Pensando as velhas gafieiras cariocas, João Antônio relembra hábitos próprios dela. Estabelecidos, como o respeito moral (obrigatório) às damas, o controle da embriaguez julgada excessiva, a hora do lanche, sempre conduzida e financiada pelo “cavalheiro”.

PALAVRAS-CHAVE: Costumes, Rio de Janeiro, Gafieira

TÍTULO LOCALIZADO: *A moçada da gafieira*

DATA DO PERIÓDICO: 03/08/1976

Conto-reportagem: três jovens a caminho da gafieira, juntando suas quantias em dinheiro para poderem administrar os gastos pela noite. Segue-se comentário sobre os trajes da gafieira, a maneira comum e desengonçada das pessoas e a prezada cordialidade devida às mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Costumes, Rio de Janeiro, Gafieira

TÍTULO LOCALIZADO: *A rua está tocada*

DATA DO PERIÓDICO: 04/08/1976

João Antônio fala das noites no cais de um porto fluminense, que recebe marinheiros de muitos países. Fala da noite, contagiada pela alegria, das prostitutas, seus requebrados de sedução, dos garotos engraxates que engraxam e também podem roubar seus fregueses.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Marinheiros, Sociedade

TÍTULO LOCALIZADO: *A magra é certa*

DATA DO PERIÓDICO: 05/08/1976

O texto fala da morte e a maneira contida como a humanidade a encara, em que é transformada numa espécie de obsenidade. João Antônio reflete a condição tabu a que ela é submetida ao longo da modernidade e cita pensamentos a esse respeito, alguma vez enunciados por Herman Perfel, o psicólogo californiano Geoffrey Gores, sociólogo inglês, os escritores Tommas Mann e Guimarães Rosa, o compositor Noel Rosa...

PALAVRAS-CHAVE: Morte, Literatura, Música

TÍTULO LOCALIZADO: *Carlinhos volta*

DATA DO PERIÓDICO: 06/08/1976

O assunto aqui é o seqüestro de um garoto de dez anos, Carlinhos, no Rio de Janeiro. João Antônio narra o caso de seqüestro, o tamanho estardalhaço criado pela imprensa e, em conseqüência disso, o fracasso do resgate combinado.

PALAVRAS-CHAVE: Seqüestro, Resgate, Carlinhos

TÍTULO LOCALIZADO: *Araça*

DATA DO PERIÓDICO: 07/08/1976

A Araci de Almeida, cantora de Noel, João Antônio dedica palavras de admiração. Fala de sua espontaneidade, franqueza, sua noção afinada de ritmo, "a melhor em questão de cadência". O repórter cita palavras dela própria, que dizem da forte determinação que Noel teve sobre sua carreira.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Araci de Almeida, Noel Rosa

TÍTULO LOCALIZADO: *Nasce a rainha Moma*

DATA DO PERIÓDICO: 09/08/1976

O desfile da rainha Moma é tradição desde a década de 30, no Cordão da Bola Preta, clube de samba do Rio de Janeiro. João Antônio fala da mudança ocorrida quando a rainha Moma, um homem travestido de mulher, passou a ser vivida por uma mulher, o que teria tornado o evento menos expressivo.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval, Cordão da Bola Preta, Rainha Moma

TÍTULO LOCALIZADO: *Com José Louzeiro (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 11/08/1976

Introduz a conversa com José Louzeiro, jornalista e escritor, autor de *Espancados Nus e Abandonados em Camanducaia*, a apresentação de sua visão literária, correspondente com a estética para-jornalística, um complexo de ficção e reportagem que promove uma radiografia de uma sociedade, a exemplo de Truman Capote.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Para-jornalismo, José Louzeiro

TÍTULO LOCALIZADO: *Com José Louzeiro (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 13/08/1976

A entrevista, propriamente dita, reflete a realidade literária brasileira. Na opinião de Louzeiro, a relação entre editor-livreiro evoluiu “em que pese nossas excepcionais condições geográficas”. De sua literatura, diz ser ela a própria reflexão de suas vivências, dentro ou fora do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Para-jornalismo, José Louzeiro

TÍTULO LOCALIZADO: *Com José Louzeiro (III)*

DATA DO PERIÓDICO: 14/08/1976

Aqui, João Antônio comenta a diferença das possibilidades editoriais no Brasil em relação aos Estados Unidos (onde Capote publicou seu romance-reportagem), a precariedade dos recursos daqui. Elogia a posição alcançada por Louzeiro: a maneira mais desinibida de tratar nossas realidades mais visíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Para-jornalismo, José Louzeiro

TÍTULO LOCALIZADO: *Com José Louzeiro (IV)*

DATA DO PERIÓDICO: 16/08/1976

Louzeiro é quem fala aqui do jornalismo e sua relação com a Literatura. Segundo ele, o jornalismo é uma prática que contribui para projetar o escritor numa imensidão indecifrável. Questiona a lógica plana a que se reduz a literatura nas escolas e faculdades, o que reprime a aproximação dos jovens a ela.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Para-jornalismo, José Louzeiro

TÍTULO LOCALIZADO: *Com José Louzeiro (V)*

DATA DO PERIÓDICO: 17/08/1976

Louzeiro é questionado quanto ao chamado “boom” literário de 1975. Vê a literatura como um corpo que pulsa e que pode oscilar, acentuando seu caminho, como aconteceu em 1975 em que protagonizaram Ignácio Loyola, Wander Pirolli, Aguinaldo Silva. Fala também da necessidade de o escritor perceber a coletividade que é a literatura, junto com o exercício solitário e contemplativo (que é mais um participante), se quiser exigir receptividade do público.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Para-jornalismo, José Louzeiro

TÍTULO LOCALIZADO: *Com José Louzeiro (final)*

DATA DO PERIÓDICO: 18/08/1976

Nessa parte final, João Antônio pede a Louzeiro que opina sobre a relação entre o realismo fantástico e o romance-reportagem. Diz não haver entre ambos oposição, mas traços de singularidades. Comenta sua experiência de escritura de livros de bolso, sua contribuição no filme Lúcio Flávio, adaptação do seu romance, e sua visão positiva quanto às vanguardas literárias e quanto aos escritores chamados “marginais”.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Para-jornalismo, José Louzeiro

TÍTULO LOCALIZADO: *Incômodo Carlinhos*

DATA DO PERIÓDICO: 19/08/1976

João Antônio retorna ao assunto do seqüestro do garoto de 10 anos, Carlos Ramirez, no Rio de Janeiro. Dessa vez, fala sobre o amadorismo do seqüestrador e da ingenuidade da família, que ao divulgar o caso da imprensa, motivou uma publicidade negativa, o que teria inibido o autor do seqüestro a aparecer no local.

PALAVRAS-CHAVE: Seqüestro, Resgate, Carlinhos

TÍTULO LOCALIZADO: *Dentro da caixinha mágica*

DATA DO PERIÓDICO: 20/08/1976

Crônica sobre a TV e a crítica que vem recebendo sobre sua qualidade. João Antônio critica uma espécie de reportagem-boato que passa a se tornar moda e as próprias críticas da TV, que também compartilha alguns elementos

disso. Enfim, vê a televisão como um portal de entrada de produtos estrangeiros, o que acentua nosso colonialismo cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Televisão, Reportagem-boato, Estrangeirismo

TÍTULO LOCALIZADO: *Não sou mulher de olá*

DATA DO PERIÓDICO: 23/08/1976

Esse artigo fala da relação entre a vida de Araci de Almeida e os artigos da imprensa sobre ela. Cita a própria Araci, que desmente boatos criados a respeito de sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Araci de Almeida, Jornalismo

TÍTULO LOCALIZADO: *Morre Juarez Barroso*

DATA DO PERIÓDICO: 25/08/1976

Ocasão da morte do escritor e jornalista Juarez Barroso. Aqui, João Antônio fala da profunda sensibilidade desse homem, seu olhar vivo, que lhe rendeu o livro *N da Portela – 70 anos De Murros e Porradas*, sobre o Natal na Portela, e *Joaquim Gato*, de que ele sequer assistiu o lançamento.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Jornalismo, Juarez Barroso

TÍTULO LOCALIZADO: *Um código boêmio*

DATA DO PERIÓDICO: 26/08/1976

Volta o tema das noites cariocas no Cordão da Bola Preta. Diz-se aqui sobre o exame de incorporação de associados ao clube, de sua popularidade, da graça e do talento na dança das freqüentadoras, que não abrem mão do respeito e jamais fazem por força de exibição.

PALAVRAS-CHAVE: Samba, Cordão da Bola Preta, Baile

TÍTULO LOCALIZADO: *Ficar no Caritó*

DATA DO PERIÓDICO: 27/08/1976

Crítica dos costumes de jovens que, às tardes domingueiras, saem em busca de um casamento, garantia essencial ao seu sucesso financeiro. Já as mais velhas, mais eufóricas, temem ficar no Caritó (“canto da casa onde se guardam trastes velhos, miúdos e imprestáveis”).

PALAVRAS-CHAVE: Costumes, Juventude, Casamento

TÍTULO LOCALIZADO: *A dama do Encantado*

DATA DO PERIÓDICO: 28/08/1976

João Antônio alterna comentários e falas de Araci de Almeida. Nelas, revela-se sua ironia e propriedade ao falar de música e, em específico, da música brasileira contemporânea. Dentre os nomes comentados, aparecem Maria Bethânia e Edu Lobo, que ganham elogios da cantora.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Araci de Almeida, Compositores

TÍTULO LOCALIZADO: *O seqüestrado inconveniente*

DATA DO PERIÓDICO: 31/08/1976

O seqüestro do garoto carioca Carlos Ramirez é, nessa crônica, comparado à ficção de O. Henry, o conto “O Resgate de Cabeça-Cor-De-Fogo”; ao contrário do caso do Rio de Janeiro, o personagem fictício retorna ao lar dos pais: ele atormenta de tal forma a vida dos seqüestradores, a ponto de ser “devolvido” à família.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Literatura, Carlinhos

TÍTULO LOCALIZADO: *O seqüestrado inconveniente (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 01/09/1976

Do caso de seqüestro de Carlos Ramirez, no Rio de Janeiro, volta-se a falar da incompetência policial, de publicidade excessiva do acontecimento e de sua incongruência em relação à ficção de O. Henry, em que a inconveniência do acontecido coube apenas aos seqüestradores.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Literatura, Carlinhos

TÍTULO LOCALIZADO: *O seqüestrado inconveniente (III)*

DATA DO PERIÓDICO: 02/09/1976

Nessa parte final, João Antônio fala da maneira como a imprensa lidou com o caso Carlinhos, como os jornalistas se ocuparam durante meses com isso, mesmo na divulgação de falsas pistas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Literatura, Carlinhos

TÍTULO LOCALIZADO: *O botequim, essa universidade e o dia em que o pau comeu na Onu (I)*

DATA DO PERIÓDICO: 03/09/1976

Aqui, João Antônio conta o acontecido numa viagem à Porto Alegre. No caminho, antes de desembarcar, contam-lhe que o Chalé Verde e os Cafés da Rua da Praia, ambos na capital, haviam sido fechados. A crônica lamenta o fechamento de bares, cafés, chalés e sua substituição por lanchonetes, locais que, como disse Quintana, “são uma invenção diabólica”.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, Porto Alegre, Bares

TÍTULO LOCALIZADO: *O botequim, essa universidade e o dia em que o pau comeu na Onu (II)*

DATA DO PERIÓDICO: 04/09/1976

O tema é a extinção dos botecos. Ilustrando-o, João Antônio apresenta um conto de Wilcrisson Prado, brasiliense, que narra uma história que se passa num bar, chamado “Bar da Nações”, mais conhecido por ONU, em que os freqüentadores se fazem de embaixadores de vários países.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, Brasília, Bares

TÍTULO LOCALIZADO: *Jogatina no Sindicato dos ladrões*

DATA DO PERIÓDICO: 06/09/1976

Republicação do artigo “Pôquer, Dama e Buraco no Sindicato dos Mendigos”, do dia 25 de maio nessa coluna.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Samba, Cordão da Bola Preta

TÍTULO LOCALIZADO: *Mais “boom”*

DATA DO PERIÓDICO: 08/09/1976

Temos a transcrição da carta do escritor Júlio César Monteiro Martins, negando a possibilidade de um “Boom” literário, a partir de 1975. Dos motivos, um corresponde à forma de tratamento que o livro recebe do mercado brasileiro: o predomínio do interesse financeiro, em lugar da necessidade da obra, a sua limitação temática às fronteiras regionais etc.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Boom de 1975, Júlio César Monteiro Martins

TÍTULO LOCALIZADO: *Mais “boom” II e final*

DATA DO PERIÓDICO: 09/09/1976

Resposta à carta do escritor Júlio César Monteiro Martins, que esclarece a seguinte questão: a impossibilidade de se transpor uma realidade estrangeira à realidade desse país já que, em essência, a “República das Bruzundangas”, como um dia chamou Lima Barreto, nasceu em berço duvidoso, em meio a solavancos financeiros. Portanto, conclui João Antônio, qualquer transformação brusca dessa realidade tende a ser elevada ao status de glória.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, Boom de 1975, Júlio César Monteiro Martins